

ADAM SURRAY

A MORTE É SUA COMPANHEIRA



ADAM SURRAY

A MORTE É SUA COMPANHEIRA

Clint Garret, o Pistoleiro dos Olhos Azuis, pacificador de cidades; exterminados de bandidos. Justiceiro! A maldição de uma mulher morta sob o fogo do seu revólver o transforma num cavalheiro solitário em busca da paz. Mas o destino quer que ele seja sempre um matador!

© 1988 - ADAM SURRAY

Título original: El Pistolero de los ojos
azules Tradção de Silvio Antunha

400210 / 401208

UM

O homem não se abalou com a chegada daquela fina senhora.

Permaneceu esparramado na confortável poltrona, limitando-se apenas a levantar a aba do chapéu com um leve toque do dedo indicador. Seus olhos azuis fitaram a mulher atentamente.

— Madrugou, sra. Griffin.

A sra. Griffin empinou o nariz, num gesto instintivo. Ela era o que se podia chamar de uma perfeita dama. Custava-lhe muito admitir a falta de educação e de bons modos de seus semelhantes.

Educada num dos melhores colégios de Massachusetts e freqüentadora da refinada sociedade bostoniana, não podia entender a existência de indivíduos como Clint Garnett.

O homem, apesar de seus 30 anos, tinha uma aparência bem jovial. O cabelo ruivo encrespado, que lhe caía despreocupadamente sobre a testa e os olhos azuis, dava a seu rosto um aspecto remoçado. O nariz era reto, a boca de lábios finos e barba crescida.

Um bonito homem.

Sim, era essa a primeira impressão.

Mas aqueles olhos azuis possuíam um brilho estranho.

Uma arrogância infinita que provocava calafrios.

— Bom dia, xerife.

O homem sorriu, mostrando seus dentes bem alinhados, Arrumou-se aos poucos, com gestos premeditadamente dolentes.

A sra. Griffin não pôde evitar um tremor. Odiava as roupas de cor preta. Recordava-lhe o luto pela morte de seu pobre Norman.

E Clint Garnett vestia-se completamente de preto. Desde o chapéu de fino feltro até as botas de cano alto. Como contraste àquele negrume, apenas a brancura do cabo de marfim de seu Colt.

— Meu nome é Garnett, e não me agrada a palavra xerife.

— E o que você é.

— Não, sra. Griffin. Quando terminar o acordo, partirei. Há algumas semanas, Victory City era uma cidade sem Lei. Fui contratado para pacificá-la. Nada mais. A estrela brilhando no peito é apenas um enfeite.

— Mas ela impõe respeito.

— Engana-se novamente, sra. Griffin .A única Lei que se respeita é a do Colt.

— Talvez tenha razão.

A mulher ficou em silencio durante alguns segundos. Tentou enfrentar o olhar do xerife, mas foi obrigada a desviar os olhos. Suas mãos, de longos dedos ossudos, entrelaçaram-se nervosamente.

— Quero pedir-lhe um favor, xerife.

— Um favor? — repetiu, erguendo as

sobrancelhas. — Pode dizer.

— Estou disposta a recompensá-lo condignamente.

Clint Garnett sorriu ironicamente. Voltou a acomodar-se no sofá, enrolando um cigarro.

— Pode dizer, vamos ver.

— Pensa expulsar da cidade vários elementos indesejáveis, neste dia, certo?

— Refere-se a Poker King?

— Não. Estou falando dessas... dessas meninas do Dourado.

— Ah, sim!... Claro, sra. Griffin. Três delas não conseguem respeitar a moral e os bons costumes. Perturbam a ordem e provocam as pessoas. Todas as senhoras desta cidade sentem-se importunadas por elas, e sendo assim elas sairão na próxima diligencia.

— Tem de embarcar quatro mulheres...

— O que está querendo dizer? — estranhou.

— Outra garota do saloon deve deixar a cidade.

Clint Garnett continuou impassível. Seus lábios finos seguravam o cigarro, enquanto a fumaça envolvia seu rosto.

— E quem é a menina?

— Janete Dullea.

— Janete? Não conheço...

— Não importa. Tem de~ expulsá-la de Victory City imediatamente. Junto com as outras três.

— Por que motivo?

A sra. Griffin não respondeu. Nesse momento,

suas mãos abriram a bolsa nervosamente. Retirou um maço de notas que depositou sobre a escrivaninha.

— Mil dólares não lhe parecem um bom motivo?

— Não! Preciso de uma explicação.

— É apenas mais uma rapariga do saloon. Como você mesmo lembrou: perturbam a ordem e...

— Não recebi nenhuma queixa sobre essa tal

Janete. Quase todas as garotas do Dorado são comportadas...

A sra. Griffin suspirou resignada.

— Pois bem, xerife, o verdadeiro motivo é meu filho estar apaixonado. Já ameacei até deserdá-lo, caso continue relacionando-se com essa... fulana. Mas foi inútil.

— O problema não é assim tão grave. Trata-se apenas de um mero capricho do rapaz. É algo passageiro, um mal necessário.

— Não é. Conheço Mike muito bem, xerife. E não vou permitir que meu único filho cometa essa asneira. Está perdidamente apaixonado, a ponto de casar-se com ela.

— Ah! Não diga! Mas a senhora não a considera digna para unir-se a alguém dos Griffin?

— Não é hora para brincadeiras, xerife. Impedirei esse casamento de qualquer forma. Pensei que você pudesse tornar as coisas mais fáceis. Se não puder contar com a sua colaboração, usarei outros recursos.

Clint Garnett olhava fixamente para os mil dólares,

tragando o cigarro pela última vez.

— Muito bem, a senhora venceu. Deposite aí outros mil dólares que lhe garanto a saída de Janete Dullea desta cidade ainda hoje.

A mulher sorriu com desdém. Pegou mais um maço de notas. Estava prevenida, sem sombra de dúvidas. Não disse mais nada. Virou-se e saiu do escritório do xerife exibindo-se, orgulhosa.

Menos de cinco minutos depois, a porta abriu-se novamente. Desta vez, surgiu um tipo com cara de cavalo.

— Ei, Clint! Tudo pronto. Dons, Berta e Helen esperam na porta da diligência, rogando pragas contra você.

— E Poker King?

— Não veio. Está com a mulher no hotel. Receio que vá enfrentá-lo.

Clint Garnett preparou-se. Sacou o revólver, conferindo a munição.

— Também acho, Lewis. Poker King não é homem de se entregar facilmente. Conhece Janete Dullea?

— Claro. É uma das meninas do Dourado.

— Diga-lhe para abandonar Victory City na próxima diligência. Sairá junto com as colegas.

Lewis gaguejou, perplexo.

— Janete! Por que razão, Clint? É uma boa moça. Eu a conheço faz alguns anos e...

— ... e o prefeito colocou você para me auxiliar,

Lewis. Limite-se a obedecer.

Sem maiores explicações, deu-lhe as costas, encaminhando-se à porta de saída.

— Ah, estava esquecendo. Esses 2 mil dólares que estão sobre a mesa são para Janete. Entregue-os, com meus cumprimentos.

O sol raiava a pino sobre Victory City. Fazia um calor sufocante que escaldava a água dos bebedouros.

O cavaleiro vestido de negro avançava lentamente pela rua poeirenta. Seus passos com botas de cano alto deslizavam no chão de terra batida coberto de poeira.

Os raios de sol faziam brilhar a insígnia que levava no peito. O andar macio, felino; a maneira de usar o revólver, a mira sempre brilhando em seu Colt, denunciavam a verdadeira profissão de Clint: era um pacificador, que impunha a ordem apertando o gatilho de sua arma.

A diligência, com destino a Tucson, estava parada na frente do Hotel Dourado. Vários curiosos aglomeravam-se em torno do veículo, despedindo-se das garotas.

Clint Garnett aproximou-se, vistoriando rapidamente a carruagem. Dentro, estavam quatro mulheres.

Doris, Berta, Helen e... Janete. Esta última soluçava, com as mãos no rosto.

— Olá, meninas!

A saudação do xerife evidentemente foi mal recebida.

— Bastardo!

— Filho de uma cadela...

— Desgraçado...

Doris, Berta e Helen eram, de fato, muito carinhosas.

Janete continuava soluçando,
cabisbaixa.

Clint Garnett não estava arrependido. Foi correto. Janete não tinha nenhuma chance em Victory City. Não conseguiria enfrentar o poder da sra. Griffin.

— Boa viagem, bonecas...

Enquanto dava meia-volta, o xerife ouvia novos insultos das três mulheres.

O velho Logan já estava na boléia.

— Chegou a hora da saída, xerife.

— Calma, Logan. Faltam dois passageiros.

— Tem certeza?

Garnett esboçou um sorriso amarelo,
esperando a chegada do ajudante.

— E então, Lewis?

O homem parecia nervoso, respirava ofegante, suando por todos os poros.

— Poker King não deixará a cidade.

— Palavra final? — perguntou o xerife.

— Sim, e está esperando por você no hotel, Clint. Garnett não falou mais nada. Retomou sua

caminhada, atravessando a rua em direção ao Hotel Excelsior, que ficava umas quatro casas adiante.

Faltando poucos metros para chegar, surgiu um indivíduo no hall da entrada.

Poker King saía para recepcioná-lo. Vestia-se impecavelmente, num elegante paletó cinza, colete florido e camisa listrada; a calça, de riscas cinzentas e brancas, enfiada nas botas caprichadamente lustradas.

Os dois se encararam.

— Olá, King.

— Olá, Clint. Belo dia, não acha?

— Fico feliz que lhe agrade, pois será o dia da sua morte. Ainda pode evitá-la, se abandonar a cidade.

— Não diga? Fala sério, Clint?

— Deixe de teimosia, King. Será melhor para todo mundo.

— Você me conhece, Clint, e sabe que não aceito ordens de ninguém.

— Lamento, porém ontem você liquidou um homem, e não posso tolerar baderna em Victory City.

— O imbecil me acusou de trapaça.

— E por que não? Todo mundo sabe que você é um escroque.

Poker King sorriu.

— Muito bem, Clint. Nós dois estamos com azar. Eu não esperava encontrá-lo por aqui como xerife. Tarde demais... Um dos dois irá repousar no

cemitério.

— É sua última palavra? Não acha uma estupidez perder a vida apenas por teimosia?

Poker King nem chegou a responder. Nesse momento, a porta do hotel se abriu para que um novo personagem aparecesse no hall: uma mulher.

Uma belíssima mulher que segurou firmemente o braço direito do escroque, apesar das mãos trêmulas.

— Deixe disso, King. Vamos embora daqui!

— Volte para dentro, Deborah.

A jovem olhou desesperada, suplicando demência ao xerife.

— Clint... por favor...

Garnett estreitou os olhos, cerrando os dentes.

— Sinto muito, Deborah. Abandonem a cidade, e tudo ficará bem.

Poker King soltou um palavrão. Sua mão direita deslizou até o Colt pendurado na cintura, sacando rapidamente.

Mas Garnett não se deixou surpreender. Com incrível habilidade, disparou pelo próprio coldre.

Aconteceu, no entanto, o que ninguém havia previsto: a mulher tentou proteger Poker King com seu corpo.

A bala disparada por Clint Garnett perfurou-lhe o seio esquerdo. Na altura do coração.

DOIS

Deborah entreabriu os lábios, mas não deixou escapar nenhum gemido de dor. Apoiava-se nos braços do marido, e não caiu no chão.

— Deborah!

— King... meu amor...

Neste momento, sua blusa tingiu-se de vermelho. O sangue jorrava abundantemente, manchando o assoalho de madeira.

Poker King, com os olhos esbugalhados, deitou a mulher no chão com muito cuidado.

— Meu Deus... Deborah... Por quê? Por que fez isto?... Deborah...

Poker King desviou os olhos. Pegou o revólver que estava ao lado. Apontou para Garnett com olhar satânico.

Dois tiros, quase simultaneamente, foram ouvidos. Garnett inclinou-se, puxando instintivamente o gatilho. A bala disparada por Poker King passou raspando o ombro do xerife. Já o jogador teve seu rosto atingido em cheio, sendo empurrado para trás com a força do projétil.

Foi então que um grito angustiante soltou-se da garganta de Deborah.

— King!

Poker King não podia responder: seu rosto

transformou- se numa pasta sanguinolenta.

Clint Garnett subiu os degraus da escada do hall, inclinando-se sobre a jovem.

— Deborah... eu não... não...

O rosto pálido da mulher contraiu-se de dor e desespero.

Pelos lábios escorria um filete de sangue.

— Vamos segui-lo... Clint... King e eu... vamos seguir seus passos ate... até a sua morte. Você não terá., nem um segundo de paz... vamos pegá-lo...

Deborah foi debruçando a cabeça lentamente até ficar imóvel. Seus olhos, apesar de sem vida, brilhavam intensamente.

Clint Garnett. recompondo-se, caminhou vacilante. As pernas não sustentavam seus passos. Assim, deixou o local.

As pessoas que assistiram àquela cena sangrenta continuavam perplexas, sem pronunciar uma única palavra.

Garnett ainda empunhava o Colt; aos poucos, seus dedos enrijecidos foram amolecendo, até que o revólver caiu na rua empoeirada. Não fez nenhum gesto para recolher a arma.

A diligencia partiu, envolvendo o xerife numa nuvem de poeira avermelhada. Os passageiros que esperava haviam ficado em Victory City para sempre.

* * *

De volta à delegacia, Garnett inutilmente tentou

reagrupar seus pensamentos. A imagem patética de Deborah esvaindo-se em sangue não saía da sua mente. O olhar vidrado de Deborah acusando-o silenciosamente: assassino... assassino...

Com as mãos trêmulas, encontrou uma garrafa de whisky e bebeu um demorado gole.

Depois, foi sentar-se pesadamente atrás da mesa repleta de papéis, quase todos ordens de busca relacionadas a certos fugitivos da Lei.

A Lei! Santo Deus!

Em nome da Lei matou uma mulher inocente. Uma pessoa que nada lhe havia feito...

Tinha certeza de que jamais voltaria a ser o mesmo, depois do que acabara de passar.

A porta abriu-se vagorosamente, quase com timidez. Um indivíduo de rosto rechonchudo apareceu. O paletó que usava, bastante largo, acentuava o tamanho de seu corpo. O tipo resmungou nervosamente.

— Foi uma verdadeira tragédia, não é verdade, Garnett?

Clint Garnett desviou o olhar da garrafa de whisky. Seus olhos azuis cravaram-se no recém-chegado.

— Tragédia? Foi minha mão, prefeito. Disparei contra uma mulher.

— Um lamentável acidente. Ela não devia...

— Protegeu o marido. Poker King, felizardo, tinha

ao lado dele uma mulher que o amava. Que o queria além da morte.

Garnett fez uma pausa levando o gargalo da garrafa aos lábios, enxugando a boca com as costas da mão.

— Nem me lembro dos bandidos que tombaram sob o chumbo do meu revólver. Até esqueci de seus rostos. Mas desta vez é diferente. Terrivelmente diferente. Não conseguirei esquecer nunca.

— Acabará esquecendo, rapaz. Não tem culpa de nada.

— Diga-me, prefeito. Está com medo de mim?

James Rosenberg, prefeito de Victory City, engoliu em seco. Sim, tinha medo.

Aliás, era pavor daquele brilho demoníaco nos olhos azuis do xerife.

— Oh! Não, Garnett... De jeito nenhum... Eu não...

— Desembuche de uma vez, prefeito. Quer que caia fora, certo? Já não sou necessário. Victory City é uma cidade limpa. Nem pistoleiros, nem escroques, nem assassinos. Sobrou apenas este aqui..,

— Lamento, Garnett. A morte dessa mulher causou péssima impressão. Você mesmo acabou de lembrar que Victory City é agora uma cidade tranqüila. Seu trabalho terminou.

— Claro.., terminou.

O prefeito aproximou-se da escrivaninha, depositando ali um envelope. Seu rosto suado

esboçou um riso forçado.

— Aí está o que combinamos. Acrescentei mais 500 dólares.

— É muita generosidade.

— Talvez precisem de você em Pozo Quemado. Kellog e seu bando estabeleceram quartel-general naquele lugar. A população está apavorada e...

— Ao diabo todos vocês! Pozo Quemado, Victory City e você vão todos para o inferno!

Clint Garnett apanhou uma jaqueta de pele negra. Ao abrir a porta para sair do escritório, parou estarecido.

No meio da rua havia um agrupamento numeroso de indivíduos, com olhares ameaçadores fixos em Clint Garnett. Na varanda encontrava-se Lewis, empunhando uma Winchester.

Clint sorriu sem graça.

— Bela despedida.

— Sem embromação, Clint — murmurou Lewis entre os dentes. — Estão a ponto de linchar você.

— Claro. Só não eram tão valentes quando enfrentavam os foragidos que dominavam a cidade.

— O prefeito falou com você?

— Sim, Lewis. E eu já vou.

— Então, vá em frente. Quanto antes, melhor. Vou acompanhá-lo até as cocheiras.

Os dois homens começaram a caminhada.

Lewis engatilhou o rifle ruidosamente.

Apenas esse gesto pareceu acalmar os ânimos.

Definitivamente, Victory City era um antro de covardes.

Pararam na frente de um prédio em ruínas.

Clint Garnett selou o cavalo vagorosamente. A lentidão era premeditada. Como se desejasse provocar alguma reação nos moradores da cidade.

— Pegue o revólver, Clint. Você o deixou caído na entrada do hotel.

Garnett empalideceu.

Seus olhos azuis fixaram-se no Colt oferecido por Lewis. De repente, interrompeu o gesto iniciado de recolher a arma. Parecia que ainda saía fumaça pelo cano negro... parecia ver desabando o corpo ensangüentado de Deborah.

— Não... não quero...

— Enlouqueceu? — interrompeu Lewis, perplexo.

— Não pode andar desarmado!

Garnett deu uma gargalhada seca. Em seguida, montou em seu cavalo.

— E por que não? Adeus, Lewis.

— Espere! Tenho mais uma coisa para você.

Lewis tirou do bolso de seu jaleco um maço de notas, entregando-o a Garnett, com a mão direita.

— O que significa isto?

— E dinheiro seu, Clint. São os 2 mil dólares que não entreguei para Janete.

— Então... não?...

— Exatamente, Clint. Ela não aceitou. Mandou que lhe devolvesse dizendo que você vai precisar para comprar um caixão.

E mais essa. O copo de amargura transbordou com essa última gota. Além de matar uma e receber o desprezo de outra, era obrigado a engolir mais um trago desse cálice.

Ao deixar o povoado, aquele Clint Garnett em nada lembrava o homem dominador e seguro de si, cuja habilidade em domar cidades havia sido invejada por mais de um pistoleiro perigoso.

Clint Garnett não era apenas um homem sem alma, atormentado pelo remorso das lembranças de todos aqueles que haviam tombado com as balas de seu revólver, e que de agora em diante seriam seus companheiros inseparáveis, invisíveis fantasmas vingadores.

TRÊS

Quantos foram? Quinze, talvez vinte, quem sabe trinta?

E, uns trinta!

Não lembrava o número de mortos. Até esqueceu dos rostos.

Mas, agora, o crepitar das chamas da fogueira projetava uma fantasmagórica dança de sombras na escuridão da noite. O brilho dos olhos azuis se rivalizava com o clarão das chamas.

Não queria pensar. No entanto, pela sua mente desfilavam vertiginosamente imagens pavorosas, cenas que desejava esquecer para sempre.

Quinze anos.

Aos 15 anos, assistiu com seus próprios olhos os índios matarem seu pai.

Com o auxílio da irmã, enterrou o corpo debaixo de um álamo, localizado atrás da cabana, junto à sepultura da mãe. Não foram felizes aqueles colonos.

A morte do pai iniciou uma série de desgraças. Poucas semanas depois, a irmã foi violentada por um rancheiro da vizinhança. Um figurão chamado Andrew Chapman.

Clint Garnett sorriu com o cigarro nos lábios. Lembrou-se do Chapman de rosto apavorado, olhos esbugalhados de terror quando se encontraram cara a cara.

Sem dó nem piedade, esvaziou o tambor do Colt na cabeça do estuprador, estourando-lhe os miolos. Assim vingou a irmã. Aos 15 anos.

Foi a primeira vítima., a primeira morte.

Depois disso, virou lenda. Uma sinistra lenda, pela triste sorte que o perseguia: trapaceiro, garimpeiro, vaqueiro... Triste sina!

A rapidez no manejo do Colt lhe rendeu enorme fama. Durante algum tempo, escoltou diligências da Well & Fargo, de transporte de ouro. Capturou Silver Jack, liquidou George Wynn, pacificou a cidade de Jonesburg, desfrutou a recompensa oferecida pelos gêmeos Albertson vivos ou mortos. Os entregou mortos, é claro.

“O Pistoleiro dos Olhos Azuis.” Assim era conhecido.

Uma triste aura de sangue e morte o acompanhava.

Tentou largar o revólver, esquecer seu Colt.

Inútil...

E agora a morte de Deborah pesava em sua consciência.

Claro, foi um acidente; mas um acidente que poderia ter sido evitado se já tivesse abandonado as armas.

Clint Garnett interrompeu repentinamente seus pensamentos. Levantou-se com agilidade, num pulo, a mão direita crispando a cintura com rapidez indescritível.

Sorriu: percebeu que estava desarmado...

Encostou-se em uma árvore e esperou. Os passos que o sobressaltaram eram agora ouvidos nitidamente.

Um cavaleiro se aproximava, avançando com prudência.

Fazia o maior barulho possível para anunciar sua chegada.

Transcorridos alguns minutos, tornou-se visível, iluminado pela claridade da fogueira.

— Boa noite, amigo.

* * *

Clint Garnett olhou o forasteiro com indiferença.

— O clarão da fogueira me conduziu até aqui. Não comi nada o dia inteiro. Nenhum alimento...

— Encontrará comida na minha bolsa. Pode se servir.

— Obrigado, companheiro.

O cavaleiro desmontou, com o tilintar alegre das esporas prateadas. Era jovem, cerca de 24 anos. Rosto simpático e

sorriso cínico. O coldre do Colt bem baixo e preso à perna por uma cinta de couro.

Acomodou-se perto da fogueira. Suas mãos exploraram avidamente a bolsa de mantimentos localizada junto à sela. Um pedaço de toucinho, manteiga e pão. O café já estava pronto, preparado por Clint.

Durante a refeição, o rapaz não disse uma só palavra.

Após saborear o café, olhou para Garnett atentamente.

— Sou Barry Stanford. E muito obrigado pela hospitalidade.

— Tudo bem! Sou Clint Garnett.

— Garnett? Esse nome não é estranho...

— Pode ser que não.

— Muito bem. Se minha companhia não atrapalhar, passarei a noite aqui. Ficaremos mais protegidos. Tropecei com um grupo de apaches nesta tarde.

— Não atacam durante a noite.

— Com esses abutres, nunca se sabe. — Sorriu Barry Stanford. — Embora a mim agrade encontrá-los.

— Não diga!

— Certamente! Quando estou mal de dinheiro, são eles que resolvem minha situação. As autoridades de Tucson pagam 100 dólares pelo couro cabeludo de um apache.

— É um trabalho perigoso.

— Mas muito rentável. Vou com algum companheiro, e damos uma batida. Estou dizendo, amigo. Um excelente negócio!

Clint Garnett levantou, bocejando. Pegou a sela e uma das mantas, acomodando-se perto da fogueira.

— Vamos nos revezar em dois turnos?

Os lábios de Garnett esboçaram um sorriso irônico.

— Durmo sempre com um olho aberto.

— Pouco adianta, se não tiver um revólver ao alcance da mão. Onde está o seu revólver?

— Não uso armas.

Barry Stanford olhou, perplexo.

— Diabos! Como se atreve a cruzar o Arizona nessas circunstâncias? — perguntou assombrado.

— Sou um homem pacífico, Barry. Boa noite. Garnett deu as costas ao jovem, enrolando-se na manta. Minutos depois, dormia calmamente. Ou, pelo menos, fingia.

* * *

Os dois cavaleiros avançavam lentamente.

As montarias arfavam suadas debaixo daquele sol escaldante. Aquela paragem desoladora era habitada apenas por pumas, lobos e serpentes.

Barry Stanford tirou o chapéu para secar as grossas gotas de suor que escorriam pelo rosto. Observou seu companheiro viajando com os olhos semicerrados.

— Não devemos atravessar este maldito deserto. É imprudência, debaixo desse sol.

— Em poucas horas chegaremos a Lorainville. É seu ponto de chegada, não é mesmo?

O jovem concordou com um sorriso.

— Certo. E você? O que pensa fazer?

— Atravessarei a fronteira. Quero abandonar este território o quanto antes.

— Pensa estabelecer-se no Novo México?

Garnett permaneceu pensativo. O chapéu caldo sobre a testa ocultou o brilho azulado de seus olhos.

“Novo México! Não havia pensado antes. E por que não?”

Qualquer lugar. Nada mais importava.

Queria apenas esquecer. Esquecer todo seu passado de mortes. Apagar de sua mente a morte ainda fresca de Deborah.

— Talvez. Ainda não resolvi. Pode ser que siga o caminho para o Texas.

— Texas! Ao diabo!... Vai gostar de lá. Meu avô era texano. Meu pai me contava histórias que aconteceram adiante do rio Pecos. A morte de James Travis e de Jim Bowie no Álamo. A vingança de Sam Houston... Algum dia passarei por lá.

— Você é jovem. Se esquecer essa mania de caçar cabeleiras apaches, talvez chegue á velhice algum dia.

Stanford soltou uma risada alta.

— Há coisas mais perigosas do que os apaches.

— Por exemplo?

— Já duelei sete vezes. Os sete mais famosos pistoleiros do Arizona, e saí vitorioso. Meu nome impõe respeito e admiração em Tucson, Tombstone, Yuma, Cooper City... Em breve, o nome de Barry Stanford cruzará as fronteiras.

Clint Garnett levantou a aba do chapéu. Seus olhos azuis fixaram-se no rapaz.

— É sério o que está dizendo?

— Claro!

— Mas por quê, Barry? Por que procura essa fama?

— Me agrada ser temido e respeitado. Ver as pessoas tremerem ao pronunciar meu nome. Passei uns meses em Tombstone. Minha obrigação era manter a ordem numa importante casa de jogo. Pagavam-me 50 dólares por dia. Deu para perceber? Sou muito bem cotado. As garotas enlouqueciam com meu olhar.

— Você é mesmo muito modesto — ironizou Clint.

— Estou dizendo a verdade. Esta noite meu nome ficará famoso em todo Arizona.

— Por acaso planeja matar o governador?

Stanford ignorou a ironia de Garnett. Desta vez, resolveu perguntar.

— Por que acha que vou a Lorainville?

— Nem imagino.

— É a festa anual da cidade. Suponho que saiba o que acontece durante esses festejos.

— Acho que sim. Um magnífico rodeio, concurso de tiro, corridas de cavalo, e... — Garnett interrompeu bruscamente o raciocínio. Depois de uma breve vacilação, indagou: — Não está pensando em...?

— Exatamente, Clint. Vou enfrentar Peter Philbrook. Quero arrancar dele o título de homem mais rápido do Arizona. O reinado dele terminará esta noite.

Garnett calou-se.

Relembrava o famoso duelo que anualmente acontecia em Lorainville. Pistoleiros de vários Estados da União se enfrentavam num torneio sangrento. Durante três dias, eliminavam-se uns aos outros. Apenas um deveria sobrar e desafiar o campeão do ano anterior.

No último dia da festa, o Rei do Colt desafiava publicamente todos os presentes para um duelo, mas, como geralmente acontecia, ninguém aceitava.

— O que está pensando, Clint?

— Na estupidez que você vai cometer, rapaz. Por que razão?

O rosto de Barry Stanford transfigurou-se, fazendo desaparecer suas feições quase infantis. Mordeu com força os lábios.

— Sou o mais rápido e devo provar isso. Acabarei com Peter Philbrook.

Garnett esboçou um sorriso amargo. Compreendia a ambição de Stafford. Um jovem ousado, desorientado, que sonhava com a fama. Candidato a uma sepultura inglória.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e quatro.

— Bastante jovem para morrer.

— Não vou morrer tão cedo, Clint. Você não me conhece. Capanga Fredy, Johnny McCarty, Henry Brady e outros pistoleiros temíveis caíram sob o

chumbo deste revólver.

— Peter Philbrook é diferente. É O Rei do Colt já faz três anos.

Stanford cuspiu no chão, com desprezo.

— Sei disso. É um tipo habilidoso. Porém, nos últimos três anos não teve adversários à altura. Ele continua sendo Rei do Colt por mero acaso. Eu apagarei essa boa estrela.

— Conheci vários tipos iguais a você, rapazinho. Todos eles repousam agora debaixo de sete palmos de terra.

— Sou o mais rápido.

Clint Garnett não pôde evitar o riso diante do fanfarrão.

— Muito bem, rapaz, simpatizei com você. Stanford também sorriu.

— Sêrio?

— Claro, Barry. Prometo realizar um belo funeral para você. Porque o duelo com Philbrook será o último de sua vida.

— Sai pra lá! Você não é de incentivar ninguém! Clint observou-o demoradamente.

— Rapaz... Entendo disso mais do que ninguém, mais do que você poderia imaginar. Não sei como é você, e nem vi

você atirar. Mas posso lhe garantir que Philbrook é um osso duro de roer. Me dá pena ver um jovem como você correr assim atrás de uma morte idiota...

— Certo, Clint. Agradeço estes seus conselhos. Mas é assunto resolvido. Matarei Philbrook, e me tomarei o novo Rei do Colt.

Clint resolveu não insistir mais. Aquele moço estava preso à mesma violência que vinha sendo sua eterna companheira. E, por experiência própria, não ignorava que, quando se vive assim, nenhum bom conselho é levado em consideração.

QUATRO

Lorainville juntamente com Tucson e Tombstone eram as mais violentas cidades do Arizona.

Na época da festa anual, Lorainville era um autêntico caldeirão de gente. A população crescia de tal maneira que as pessoas se trombavam umas nas outras, as ruas eram ricamente ornamentadas para os festejos.

No rodeio, saiu vencedor um tal Lloyd Todd, um texano bronco, de pernas tortas. As demais competições também foram vistosas e emocionantes. Porém, a expectativa maior era para o resultado do Rei do Colt.

Seis homens haviam disputado o tão honroso título. Eram agora seis homens mortos. Da sangrenta competição, tinha saído vencedor Lobo Juan, um mexicano mestiço, com mais sangue índio do que branco. Mas, pela manhã, ao enfrentar o atual campeão, tombou com uma bala entre os olhos.

Mais um ano predominando a hegemonia de Peter Philbrook.

Nesse mesmo dia, ao entardecer, no ponto culminante da festa, Philbrook lançaria o desafio público. Ninguém esperava novo duelo. Seria praticamente um suicídio enfrentá-lo.

Os *saloons*, as casas de jogo e os refúgios de má

reputação estavam lotados, O dinheiro corria solto e os escroques depenavam os otários. As mulheres com suas conversas e seus corpos se esforçavam para agradar o maior número possível de fregueses.

Também o sangue minava abundantemente. Lorainville era de fato uma cidade muito original. Durante os dias de festa, o xerife e seus ajudantes safam de férias. Ausentavam-se prudentemente.

Só valia uma Lei: a do Colt. No entanto, formava-se um implacável Comitê de Vigilantes ou Estranguladores, composto pelos próprios habitantes da cidade, tentando proteger seus bens.

Whisky, rum, tequila, mescal, cerveja... as bebidas mais diversas possíveis eram servidas em um ritmo vertiginoso.

A expectativa crescia aos poucos. Aproximava-se a hora.

Peter Philbrook lançaria o desafio no centro da praça principal.

Um dos salões mais freqüentados era o Spring. A decoração era mais fina, os ousados quadros de nus femininos excitavam a clientela. Grandes espelhos e cortinas de cores vivas adornavam o local. Era também o único *saloon* em que dez garotas dançavam e cantavam simultaneamente no palco. Dez belezas disputando para mostrar seus encantos.

O rebuliço ensurdecador, reinante naquele local, misturava-se ao barulho procedente de fora. Apenas

no salão de jogo se podia desfrutar de uma tranqüilidade relativa.

Uma paz que, às vezes, era quebrada pelo ruído de disparos em alguma mesa. Alguém que estava roubando.

Barry Stafford, seguido por Garnett, dirigiu-se à entrada do local. Abandonaram o *saloon*, parando na varanda.

Uma enorme multidão seguia para a praça, para o grande momento dos festejos.

— Vamos para lá, Clint!

— Espero por aqui.

Stanford estranhou, erguendo as sobrancelhas.

— Não quer assistir ao duelo?

— Não.

— E por que não?

— Não quero ver como vão matá-lo. Será que não percebe? Ninguém está acreditando assistir a um duelo, porque ninguém espera que um suicida enfrente Philbrook.

— Mas eu vou. Até mais, Clint.

Stanford desceu os degraus da varanda.

— Barry... — chamou Clint.

— Eu?

— Quando a mão esquerda de Philbrook apoiar-se na fivela do cinturão, saque o revólver. E rapidinho...

Uma expressão perplexa surgiu no rosto de Barry Stafford.

— O que está querendo dizer com isso?

— Todo pistoleiro tem um ponto fraco, uma mania — sorriu Garnett, misterioso. — Philbrook descansa a mão canhota na fivela do cinturão uma fração de segundo antes de atirar no adversário. Não esqueça disso.

— Como sabe disso? — perguntou Barry, admirado.

— Não importa, agora. Boa sorte, rapaz.

Clint Garnett girou sobre os calcanhares, fazendo meia- volta, entrando novamente no saloon. E Barry Stanford retomou seu caminho em direção à praça.

Aos seus ouvidos chegava a voz de Peter Philbrook. O sol começava a baixar, submergindo Lorainville nas sombras do entardecer.

Quase todos os habitantes da cidade estavam reunidos

na praça. Todos aguardavam impacientes pelo desafio público do Rei do Colt, embora duvidando que alguém aceitasse o duelo.

Peter Philbrook, no meio da praça e sobre um tablado improvisado, ergueu os braços pedindo silêncio.

Olhou ao redor e respirou fundo.

Philbrook beirava os 40 anos, tinha feições inexpressivas, destacando-se apenas um bigodinho

fino de pontas erguidas. O físico era mais frágil ainda, embora tivesse movimentos ágeis e felinos. Vestia uma camisa creme e um coletinho.

Amarrado ao pescoço, levava um lenço branco de seda pura, que nunca tirava. Quando tinha uns 30 anos, quase foi enforcado e o lenço disfarçava a cicatriz macabra do laço.

Começou a falar:

— Senhoras e senhores, antes de qualquer coisa quero deixar os meus agradecimentos pelas mostras de simpatia que recebi. Muitos de vocês ainda não me conhecem. Sou Peter Philbrook, campeão pela terceira vez consecutiva!

Uma ensurdecadora salva de palmas interrompeu Philbrook, que agradeceu sorrindo e continuou o discurso com sua voz forte.

— Reconheço que Lobo Juan foi um rival digno, mas continuo com o título! Gostaria que pistoleiros de maior valor tivessem se apresentado. Glenn Wendkos, Snake Bob, o Pistoleiro dos Olhos Azuis, Lee Holliday... Nenhum deles apareceu. Acho que ficaram com medo. Muito bem, e agora, de acordo com as regras desta competição especial, vou lançar o desafio público. Para deixar patente minha superioridade com o revólver, desafio a todos os presentes.

O silêncio tornou-se ainda mais denso e emocionante. De repente, foi rompido com a ida de

um homem ao centro da praça, lentamente, até parar à frente de Peter Philbrook.

— Aceito o desafio.

As pessoas reunidas na praça não conseguiram controlar a emoção e aplaudiram o desafiante.

Peter Philbrook sorriu pretensiosamente.

— Pense duas vezes antes que seja tarde, garoto. Se quiser, volte atrás. É sua última chance.

— Você está liquidado, Philbrook, e sabe disso muito bem. Seu reinado chegou ao fim.

O campeão empalideceu. Um mau pressentimento tomou conta do coração do pistoleiro. Fez um esforço supremo para manter o sorriso nos lábios.

— Muito bem, fedelho. Qual é seu nome?

— Barry Stafford.

— Certo, Barry. Conhece as regras? Stanford confirmou com a cabeça.

— Então, vamos resolver este assunto — finalizou Philbrook, descendo do tablado.

Começaram a caminhar. Um em direção à Prefeitura; o outro no sentido oposto.

O silêncio retornou à praça.

Pararam quando uns 50 metros os separavam. Viraram-se. Estavam frente a frente.

Agora, avançavam lentamente. Bem devagar... Pararam. Peter Philbrook afastou os pés, enquanto a mão direita balançava rente ao cabo do Colt.

Stanford manteve-se impassível, tranqüilo.

Philbrook apoiou o polegar da mão esquerda na fivela prateada do cinturão, ao mesmo tempo em que a direita sacava o revólver com rapidez. Não conseguiu surpreender Stafford, que já havia disparado.

Peter Philbrook desabou com uma bala na testa. Arizona tinha um novo Rei do Colt.

* * *

As sombras da noite já haviam descido sobre Lorainville. Os habitantes da cidade continuavam aproveitando o fim dos festejos nas ruas e saloons. No dia seguinte, com a saída dos visitantes, tudo voltaria à normalidade.

O nome Barry Stanford corria de boca em boca. Um nome que logo se espalharia pelas fronteiras do Oeste. O novo Rei do Colt acabou com Peter Philbrook facilmente.

No saloon todos queriam cumprimentar o vencedor. As garotas do lugar disputavam sua companhia com arranhões e puxadas de cabelos.

Barry Stanford estava orgulhoso. Seus olhos brilhavam fortemente, ainda sob o efeito da emoção vivida.

— Perdeu um duelo muito bonito, Clint.

— Que pena...

— Quero agradecer o aviso. De fato, Philbrook

colocou a canhotoa no cinturão antes de sacar a arma.

— Esqueça!

— Essa não, Clint... Não esquecerei com tanta facilidade. Tenho só mais uma surpresa para você. Vamos tomar mais um whisky e...

Stanford não pôde continuar falando. Foi rodeado por um grupo de pessoas que lhe davam tapinhas nas costas. Uma das garotas, atrevidamente, aplicou-lhe um beijo na boca, provocando ciúmes nas outras.

Acabou sendo afastado de Garnett. Diante de tanta empolgação, subiu numa das mesas. Ergueu os braços várias vezes, pedindo silêncio.

— Obrigado... muito obrigado... Sei que muitos aqui ainda duvidam do meu real valor. Reconheço que Peter Philbrook era um homem em final de carreira, acabado. Ele próprio deu a entender quando afirmou que não se apresentaram pistoleiros de melhor categoria. Se tivesse enfrentado Snake Bob, ou Lee Holliday, com certeza o seu reinado teria sido bem mais curto.

Algumas risadas interromperam o discurso, mas prosseguiu:

— Eu sou o mais rápido! Não pude provar derrotando Philbrook, porem agora terei uma oportunidade, magnífica, única: sim, senhores... Não vou esperar o próximo ano para provar que sou o Rei do Colt. — Stanford fez uma pausa. Olhou para Garnett, acrescentando: — Senhores, cavalheiros,

atenção! Desafio Clint Garnett, mais conhecido como o Pistoleiro dos Olhos Azuis.

Silêncio completo no saloon, ao final das palavras de Barry Stafford.

De repente, um dos presentes gritou:

— Muito bem, rapaz, mas quem garante que o desafio chegará ao Garnett? Mesmo sabendo onde está, terá de enviar mensagem para que tome conhecimento dele.

— Desnecessário — replicou Barry, sem afastar o olhar de Clint. — Sei onde ele está, e, mais ainda, sei perfeitamente que ouviu o desafio. E por uma razão muito simples...

Apontou para Clint Garnett.

— Ali está ele!

CINCO

O rosto de Clint Garnett parecia feito de cera. A mão que segurava o copo de whisky tremia imperceptivelmente.

Barry Stafford, ao contrário, sorria feliz da vida. Num salto ágil, abandonou a mesa e se dirigiu até Garnett ante a expectativa dos presentes.

— Sinto muito, Clint — disse, encarando-o.

— Ficou louco, rapaz — respondeu Garnett com a voz rouca. — Você é o Rei do Colt. Não era o que procurava?

— Vou enfrentá-lo, Clint. Não quero que ninguém duvide da minha rapidez com o revólver. Você é um sujeito famoso. Será uma honra, para mim, matar o Pistoleiro dos Olhos Azuis.

— Está cometendo um erro, porque não sou...

— Não queira ocultar sua verdadeira identidade. Minha informação é quente.

— Informação?

— Sim, meu amigo. Alguém que o conhece muito bem. O nome dessa pessoa não importa. Não fique desarmado, Clint. Pegue um revólver.

— Não vou enfrentar você.

— Você prefere viver como um covarde?

Clint Garnett piscou os olhos. Pela sua mente desfilavam sombras fantasmagóricas banhadas de sangue. Entre essas imagens, sobressaía a de Deborah.

Não, nunca mais derramaria sangue.

— Não me interessa, Barry. Se for assim que sua vaidade fica satisfeita...

Stanford virou-se sorrindo.

— Vejam senhores, o temível Pistoleiro dos Olhos Azuis não aceita meu desafio. Quero que todos tomem conhecimento disso. Pois Clint Garnett é um covarde!

Um dos presentes, um indivíduo corpulento, com aspecto de vaqueiro, deu uma gargalhada.

— Belo truque, companheiro.

— O que está querendo dizer?

— Está bem claro. Vocês são amigos. Eu vi vocês chegando juntos a Lorainville. Agora fingem esse desafio e Garnett não aceita. Aí você sai consagrado como herói e todo mundo tem de acreditar.

Murmúrios e movimentos afirmativos de cabeça acompanhavam a fala do vaqueiro.

— Ouviu isto, Clint? Eles não admitem que você seja apenas um covarde. Querem que morra!

— Deixa de estupidez, rapaz. Pare de provocação.

— Pegue uma arma, Clint.

— Não quero duelar com você e...

Com a mão direita espalmada, Barry esbofeteou Garnett com violência.

— E agora, Clint, como é que fica?

Garnett não respondeu. Seus olhos azuis brilhavam diabolicamente. Depois sorriu, friamente,

impiedoso.

— Muito bem, rapaz. Você pediu. Pediu para morrer. Implorou, aos gritos.

Olhou a sua volta, detendo-se num indivíduo muito branco, de mãos finas e bem tratadas. Um profissional do pôquer.

— Com licença, o seu revólver...?

O jogador concordou, soltando o cinturão. A arma era um Colt .44 nacarado, o cabo rosado, escrupulosamente cuidado; a mira limada, brilhando.

Garnett colocou-o na cintura.

Enquanto isso, os curiosos afastaram-se prudentemente, deixando os dois homens frente a frente, cara a cara.

— Ainda está em tempo de voltar atrás, Barry. E muito jovem para morrer.

Stanford riu, cheio de si.

— Não recuarei nunca.

— Claro, porque é um cabeça oca. Lamento profundamente.

Stanford sacou antes. Seu rosto estampava a vitória. Mas não teve tempo para apertar o gatilho, atingido pelo violento impacto de uma bala no peito. Abaixou a cabeça, olhando o buraco vermelho que surgiu no seu coração, de olhos vidrados, estupefato, incrédulo.

Garnett havia disparado através do coldre.

— Clint...

— Lamento, garoto. Seu reinado durou pouco.

— A promessa... Clint... Você me prometeu — balbuciou Stanford cambaleante. — Quero um enterro... à... altura...

Barry não agüentou continuar falando. Despencou de bruços no assoalho.

Clint Garnett inclinou a cabeça.

Uma sombra nova banhava-se no fantasmagórico rio de sangue.

Mais uma lembrança macabra a torturá-lo durante as noites.

Sem dizer uma só palavra, devolveu o revólver e o cinturão ao proprietário. Sem olhar qualquer pessoa presente, abandonou o local.

Deixava para trás o corpo sem vida de um rapaz ambicioso que procurou e achou a própria morte.

SEIS

A travessia do Novo México foi ainda mais rápida, fugaz.

Mas igualmente dolorosa.

Tentou trabalhar num rancho da região. Com apenas alguns dias de trabalho, foi despedido.

– Não quero pistoleiros na minha fazenda – esbravejou o patrão.

Como conseguiu descobrir que Clint Garnett era o Pistoleiro dos Olhos Azuis?

Durante semanas essa questão atormentou o pensamento de Garnett. Mas, chegando a Três Cruzes, tudo parecia mudar para melhor.

Achou o que procurava. Um povoado, com um mínimo de habitantes, casas pequenas, fachadas caiadas. Foi bem recebido por aquelas pessoas humildes. Um indivíduo que cavalgava desarmado inspirava confiança.

Teve um mas de paz e tranqüilidade. Durou pouco...

Clint Garnett chegou a comprar uma casinha no lugarejo. No entanto, mais uma vez tudo terminou tristemente. Num amanhecer cinzento, os homens do povoado cercaram a casa, obrigando-o a sair daquelas redondezas.

Até naquele rincão chegou, incompreensivelmente,

a lenda do Pistoleiro dos Olhos Azuis. O prefeito, um indivíduo corpulento e de bigodes enormes, pronunciou um discurso de despedida.

Garnett recordava tudo perfeitamente. Aquelas palavras ficaram gravadas na sua mente.

— O povo de Três Cruzes não admite assassinos em seu seio — dissera-Lhe com voz pomposa. — Somos pessoas simples e honradas. Não abrigaremos assassinos de mulheres.

Não, não foi agradável a passagem pelo Novo México. Havia algo estranho, inexplicável naquilo tudo. Algo sobrenatural, que escapava a sua compreensão. Ele não era um pistoleiro famoso fora do Arizona. Inclusive, poucas pessoas podiam relacionar o nome Clint Garnett ao Pistoleiro dos Olhos Azuis. Entretanto, era reconhecido a cada passo que dava.

Como sabiam da morte de Deborah em Três Cruzes, naquele povoado esquecido?

Só havia uma explicação: a ameaça de Deborah estava sendo cumprida. A alma dela o perseguia do Além. Os espíritos dos dois, Deborah e Poker King.

— Vamos segui-lo! Não terá nem um minuto de descanso...

Sim, os dois estavam ali, rondando. Clint não sossegaria jamais.

Mas o Pistoleiro dos Olhos Azuis não desistia.

Continuava buscando a paz, desesperadamente. Haveria de encontrá-la, mais cedo ou mais tarde, em algum lugar...

Texas, quem sabe no Texas!

Quem sabe não seria lá a Terra Prometida!

Atravessou a fronteira, evitando a cidade de El Paso, fugindo de todos os povoados um pouco mais importantes que se apresentassem pelo caminho. Agora, perambulando naquele vale paradisíaco, deteve a montaria, apeando.

Suas mãos largas, com dedos finos, enrolaram um cigarro. Tragou com força.

Pelo vale corria calmamente um rio de águas cristalinas. A vegetação crescia verde, pujante. Toda aquela maravilhosa paisagem, contrastava com a aridez desértica à qual estava acostumado no Arizona.

No Texas encontraria a paz, com certeza. Montou novamente seu corcel. Baixou a aba do chapéu para se proteger do sol que queimava impiedosamente.

Dali já se avistava o povoado.

O cavaleiro seguiu caminho, descendo para o vale.

A poeira do chão grudava em seu rosto, formando rugas estranhas. O cavalo, tropicando, suarento, arfava fortemente.

O povoado parecia abandonado. Não se percebia viva alma nas ruas.

Facilmente os olhos azuis de Garnett descobriram

o saloon. Para lá dirigiu sua montaria. Não foi preciso amarrar o cavalo pelas rédeas. O animal, muito bem adestrado, permaneceu parado.

Garnett subiu os degraus da entrada.

Entrou no saloon piscando seguidamente até acostumar-se à penumbra interna.

Um velho estava atrás do balcão, entornando uma garrafa pelo gargalo. Era o único ser vivo que se avistava.

— Droga! Quem é você?

— Eu? Um freguês. claro!

— Sim... evidente... Mas chegando a essa hora?

— De fato.

— Está me dizendo que cavalgou debaixo desse sol de rachar?

Garnett confirmou sorrindo.

O velho olhou medrosamente na direção da escada que levava ao andar superior.

— Você é doido, colega. Nem as lagartixas se atrevem a sair. Todo povoado de Saint Paul descansa fazendo a sesta.

— Saint Paul.

— Perfeito. E, se quiser um conselho, caia fora logo. É um lugar muito chato.

— Gosto muito de lugares chatos como este. O velho abriu bem seus olhos pequeninos para melhor observar o forasteiro. Só então percebeu o detalhe insólito do visitante. Que ele estava desarmado.

— Qual seu nome? — indagou.

— Garnett. Sou Clint Garnett.

— Prazer. E eu, Tab Benedek. Se puder lhe servir em algo...

— Obrigado, Tab. Tenho fome, o que posso comer?

— Para comer? Ah, claro. Terá de esperar meia hora, mais ou menos.

— Por quê?

— É que a porta da cozinha está fechada.

— Bem, basta apenas abri-la e o problema estará resolvido.

O velho deu uma gargalhada.

— Certo! E que, por azar, não estou com a chave. Não sou o dono daqui. Como lhe disse, todo Saint Paul descansa, se protegendo do sol escaldante. E eu aproveito para dar uma bicada nas garrafas.

Garnett também riu.

— Entendi, vovô.

— Espero que guarde este nosso segredo.

— Pode ficar tranqüilo. Mas enquanto isso também vou aceitar um whisky.

— Agora sim vou poder atender você.

Tab Benedek pegou uma das garrafas alinhadas na prateleira, perguntando:

— O seu cavalo está lá fora? Sou proprietário das cocheiras e posso proporcionar ao seu animal uma forragem excelente.

— Acho que ele vai gostar, vovô.

Benedek saiu detrás do balcão. Vestia uma jaqueta de couro, que brilhava de tanta sujeira acumulada, e calças desbotadas.

— Me encarregarei dele. Até mais, Clint.

— Até Logo, Tab.

Garnett pegou uma garrafa e se encaminhou a uma das mesas. Observou rapidamente o local, modestamente decorado mas de bom gosto. Diria até que de muito bom gosto.

Quadros provocantes com belas mulheres seminuas destacavam-se uns dos outros, dispostos casualmente pelo recinto. Dois grandes espelhos, um piano próximo ao pequeno palco e algumas mesas eram a móvel existente. Alguns candeeiros de bronze e cristal estavam pendurados nas paredes. Uma escada atapetada de vermelho conduzia ao andar superior.

Logo o olhar de Garnett deixou o ar indiferente. Acima, apoiada no corrimão, surgiu uma mulher.

Aliás, uma jovem de extraordinária beleza.

Clint Garnett se aprumou ao ver a mulher descer. Foi então que pôde contemplá-la de corpo inteiro. Teria uns 24 anos, rosto ovalado emoldurado por uma sedosa cabeleira negra. Olhos escuros, nariz arrebitado e lábios carnudos. Vestia uma blusa justa, que modelava seu belo busto ereto, e uma saia larga, rodada.

A moça sorriu, cordialmente.

— Faz tempo que está esperando?

— Oh, não! Claro que não!

— Perdão. Não é muito freqüente a chegada de clientes neste horário.

— Nesse caso, quem deve se desculpar sou eu por importuná-la desta maneira.

— Bem... vejo que já se serviu. Garnett olhou a garrafa de whisky.

— De fato. E, se fosse possível, gostaria de comer algo. Estou sem comer desde ontem.

A jovem foi até o balcão. Parou um instante, mordendo os lábios em sinal de desaprovação. Virou-se para Garnett, indagando:

— Havia alguém aqui quando chegou?

— Refere-se a quem?

— A Tab Benedek. Um velho gorducho que se aproveita da minha ausência para beber gratuitamente.

— Engraçado, não vi ninguém! — respondeu-lhe Garnett.

— Está bem. Vou servi-lo em poucos minutos.

— Obrigado.

A moça sumiu atrás de uma porta próxima ao balcão. Clint Garnett chegou perto de um dos janelões do local. Seus olhos azuis perderam-se num ponto indefinido no horizonte.

Apreciava a tranqüilidade do lugarejo. Também

estava apreciando aquela bela jovem de cabelos negros.

Quem sabe não seria Saint Paul o lugar procurado para o repouso do pistoleiro...

Um merecido repouso, que até aquele momento o destino negava-se a lhe conceder. Ninguém mais do que ele próprio ansiava pela paz. E nenhum outro homem mais do que ele se esforçou para apagar um passado odioso. Um passado que, por mais que se empenhasse, não conseguia esquecer. Deixar para trás os fantasmas de todos os que morreram em suas mãos, mãos que chegava a detestar pela rapidez com que empunhavam os revólveres mortíferos.

SETE

Com o cair da tarde e a chegada das primeiras sombras noturnas, cresceu a animação no saloon. Atrás do balcão, um indivíduo grandalhão se desdobrava em atender a freguesia. Tranqüilas partidas de pôquer eram intensamente disputadas nas mesas. Um grupo de jovens fazia alegre algazarra perto do palco, contando piadas e rindo alto.

— Bastante animado! — comentou com Tab Benedek.

— Lógico. Dentro de poucos instantes, Estela entrará em cena.

— Quem é Estela?

— A dona deste lugar. É a moça que lhe serviu a comida

— informou o velho.

Garnett

sorriu.

— É uma garota muito agradável.

— Acertou na mosca, meu filho. Todos nós gostamos demais dela. Está conosco há muitos anos, desde o final da guerra. A princípio, quando montou o saloon, ficou malvista pelo pessoal daqui, mas, depois, sua bondade nos fez mudar de opinião. Nesta cidade não perguntamos nada. Cada um é livre para

viver a vida que lhe der na telha. Em Saint Paul, todos se ajudam. Vê o pianista? É o Charles. Não aceita nem um níquel da Estela para tocar todas as noites.

— E o fulano do balcão?

— Jimmy? Trabalha pela manhã no rancho do Spencer e passa as noites aqui, ajudando a garota. Também faço o mesmo quando necessário.

— Difícil encontrar gente tão unida!

— Os texanos são assim. E você, de onde vem?

— De lugar nenhum.

Tab Benedek, intrigado, pegou uma garrafa de whisky.

— Você é um tipo esquisito. Esses olhos azuis emitem um brilho perigoso. Serei sincero com você, rapaz: o fato de andar desarmado o torna ainda mais temível...

— Não diga?!

— Certeza. Lembro de Sam Pacifico, que conheci em Albine. Ninguém dava nada por ele, era inexpressivo e até bonachão. Anos depois, descobriram que apunhalou oito pessoas, sendo três mulheres, e esganou um gato.

Clint Garnett não pôde evitar a gargalhada. Relaxou numa cadeira, enrolando um cigarro.

— Pode ficar sossegado, vovô. Também não uso faca...

— Pior a emenda! Fico mais desconfiado ainda... Para onde pretende ir?

— Pensei que em Saint Paul não se fizessem perguntas.

— É que sou exceção à regra.

— Está bem, vovô. Penso seriamente em me estabelecer aqui.

Tab Benedek ficou vesgo, estupefato. Após alguns segundos, entornou um whisky duplo para se refazer da surpresa.

— É alguma piada?

— Absolutamente. Talvez compre um rancho, talvez adquira um negócio no povoado.

— Com mil diabos!... Tenho um átimo negócio para você! Trata-se do armazém do velho Norman. O coitado morreu há poucas semanas, e a viúva voltou para a família dela. O negócio é bom, meu rapaz.

— Quanto está pedindo?

— ão se preocupe, não será caro. Já estava disposto a aceitar a miséria oferecida pelo abutre do Bradbury. Era o único com dinheiro neste povoado.

— Certo. Amanhã cedo darei uma olhada no armazém.

— Não se arrependerá. O armazém...

Uma salva de palmas ensurdecidora encobriu as palavras do velho.

Estela surgiu no pequeno palco, ostentando uma roupa atrevida, colada ao corpo como uma segunda pele, expondo as belas curvas que possuía. O decote ousado deixava à mostra, sensualmente, parte dos

exuberantes seios.

Tão logo começou a cantar, cessou o alarido dos freqüentadores. Cantou uma, duas, três canções com voz suave e melodiosa, cheia de sentimento e de uma tristeza profunda.

No final da apresentação, foi novamente aplaudida por ruidosa salva de palmas.

Estela sorria, agradecida, quando se ouviu um disparo. O projétil reduziu a cacos um dos espelhos. Encostados ao batente da entrada estavam três indivíduos, um dos quais com um Colt fumegando na mão direita.

O atirador avançou, sorridente.

— Ainda não terminou, menina. Agora vai cantar para mim.

Uru silêncio sepulcral acolheu as palavras do estranho. Estela parecia uma estátua no centro do palco. Os três homens dirigiram-se ao balcão, pisando forte, mostrando força.

— Ficou surda, menina? Continue cantando. E nada de canções melosas. Queremos nos divertir! Entendido? — disse uni dos forasteiros.

— Ouça, Melvin. Por que não pede para ela cantar aquela da “Ana foi ao mato”?

Melvin, aquele que havia atirado no espelho, parecia pensativo.

— Ah, sim... Já lembrei.., tem uma letra muito bonita. Nesse momento, um dos vaqueiros clientes do

saloon levantou-se.

— Amigos, ouçam bem! Em Saint Paul não gostamos de piadas. Se Estela não quiser, não cantará.

Os três continuaram sorridentes. Melvin tinha uma horrenda cicatriz no lábio superior que ao sorrir lhe dava um ar sinistro no rosto.

— Sou Melvin Silvers. Um dos irmãos Silvers. A inquietação tomou conta de todos os presentes. Os irmãos Silvers eram sobejamente conhecidos no Texas. Sete irmãos ao todo. Ganharam essa triste fama quando a Guerra Civil terminou, e se tornaram bandoleiros, matando e saqueando pequenas cidades.

Os rangers haviam dado conta de alguns deles, eliminando três dos irmãos e desfalcando o bando de outros integrantes. Restavam quatro dos Silvers, acompanhados por oito pistoleiros. E continuavam agindo impunemente.

— Não tenho medo de vocês, Silvers. Também não estou só — replicou o cow-boy.

Pobre vaqueiro. Acabava de cometer um erro imperdoável.

Mais do que nunca, estava só, pois seus companheiros não interviriam. Era tarde demais para recuar.

Melvin Silvers sacou a arma antes que o outro pudesse pensar em reagir. A bala perfurou a garganta do vaqueiro; com o impacto, foi jogado para trás violentamente.

Jimmy, atrás do balcão, empunhou um rifle Marlin, porém não conseguiu surpreender os foragidos. Um deles sacou o Colt, e puxou o gatilho com uma rapidez fantástica. A bala do .45 estourou os miolos do grandalhão, que caiu arrastando várias garrafas.

Ainda se ouviam os ecos dos disparos, quando mais cinco indivíduos chegaram ao local.

— Melvin, o que aconteceu?

— Não foi nada, William. Havia elementos um pouco nervosos, mas já se acalmaram; eles agora descansam em paz!

William Silvers era o primogênito. Alto e corpulento, cansava-se facilmente e lhe faltava agilidade. O peso dos anos já o molestava.

— Muito certo, irmão. Precisamos impor respeito desde o primeiro instante. Cavalheiros, moradores deste asqueroso povoado de Saint Paul, peço alguns minutos de atenção! — Palavras acompanhadas por um coro de risos do resto do bando. William Silvers continuou: — Nossa estadia forçada será breve. Acho que despistamos os rangers e em dois dias eles perderão completamente nossos rastros. Espero receber de vocês uma calorosa hospitalidade. Se forem razoáveis conosco nada de ruim acontecerá com vocês. Para evitar qualquer mal-entendido, vou mostrar-lhes como se castiga uma pessoa. Terão o xerife como exemplo. Trata-se de um idiota que ousou

me desafiar. Podem trazê-lo, homens!

Dois dos bandidos se ausentaram, voltando minutos depois trazendo o xerife, Arthur Grauman. Este já lamentava a estupidez que cometera. Suava frio e estava pálido como cera.

— Sr. Silvers... perdão pelo que falei antes... não quis ofender... eu...

— Tarde demais, amigo. Acabem com ele!

Subitamente o pescoço do representante da Lei foi envolvido por uma grosseira corda, improvisada como laço, ao mesmo tempo em que um dos pistoleiros atirava a outra ponta sobre uma viga no teto.

Tudo aconteceu com uma rapidez infernal. Logo, o xerife Grauman parou de gritar e foi estrebuchando aos poucos, até ficar totalmente inerte.

— Vejam que belo resultado, senhores! — exclamou o mais velho dos Silvers, sorrindo cinicamente. — Aconselho prudência. Nada de ruim acontecerá, se forem compreensivos. Durante a nossa permanência aqui, ninguém poderá deixar o povoado. Todos aqueles que tentarem fugir para avisar as autoridades terão o mesmo destino do xerife. Agora, todos para casa. A festa acabou!

A maioria dos presentes obedeceu abandonando o local, apressados e medrosos.

Melvin Silvers se ajeitou numa cadeira, segurando uma garrafa de whisky com a mão direita.

— Ei, gracinha! Cante pra gente!

Estela empalideceu, ficou branca como açucena. Mas também obedeceu. Aquela voz, tão doce e tão frágil, tremia com as gargalhadas daqueles selvagens.

Clint Garnett, como os demais, abandonou o local, impassível e indiferente. Apoiado num bebedouro em frente ao saloon, começou a fumar um cigarro calmamente, enquanto observava sem maior interesse onde os malfeitores se colocavam, fechando todas as saídas da cidade. Era impossível escapar do povoado sem ser percebido.

— Maldição!

Garnett virou-se, com a aproximação de Tab Benedek.

— O que aconteceu, vovô?

— Como é que vou saber? Devemos resistir a esses indivíduos antes que se organizem. Amanhã talvez seja tarde demais.

Garnett tragou o cigarro, e sorriu ironicamente.

— Amanhã?

— Certo! Por acaso acha que vamos cruzar os braços?

— Pelo visto, é o que parece.

— Está redondamente enganado, meu rapaz! Nos pegaram de surpresa, só isso. Amanhã, mais tranqüilos, recuperaremos o controle da situação e expulsaremos esse tipo de gente de Saint Paul.

— Nada disso, vovô. Não tente se enganar quando

sabe que não é bem assim que as coisas acontecem. Ficou chateado com a humilhante submissão dos habitantes de Saint Paul. Vocês deveriam ter reagido no saloon, imitando aquele infeliz vaqueiro que os enfrentou sozinho, imitado pelo pobre Jimmy. Agora, é tarde...

Tab Benedek não retrucou. Abaixou a cabeça, concordando com as palavras de Garnett, que o consolava com tapinhas nas costas.

— Calma, vovô. Tem jeito para tudo.

— Sim, meu filho. Tudo voltará ao normal, tenho certeza. Mas a vergonha e o remorso pela covardia ficarão para sempre. Viu o que fizeram com a Estela? Foi obrigada a cantar obscenidades, com lágrimas nos olhos, diante da nossa passividade.

— A vida humana é valiosa.

— Claro, não é mesmo? E a gente a conserva bem melhor andando desarmado.

O tom irônico na conversa do velho não passou despercebido.

— Todos morreremos algum dia, vovô. Com ou sem arma na cintura. Boa noite.

Clint atravessou a rua barrenta, encaminhando-se vagorosamente ao hotel distante alguns metros. Entrou, empurrando as folhas de madeira da porta.

A recepção estava bastante movimentada. Dois indivíduos atrás do balcão e, em frente a eles, um homem e uma mulher.

— Seu nome, senhorita? — perguntou um dos atendentes.

— Marta Hamilton.

— E para onde vai?

— Laredo. Meu pai está me esperando lá. Amanhã pegarei a diligencia em San Antonio.

— Lamento muito, srta. Hamilton. Terá de permanecer por alguns dias mais neste povoado.

— Impossível! Se não pegar essa diligência para San Antonio não...

— Não seja idiota, boneca! — exclamou o outro, atrás do balcão. — Vai ficar aqui, sim!

— Gower, você não é nem um pouco gentil. Tem de ser fino ao lidar com as damas. Passe uma chave.

O terceiro homem, de físico esquelético e olhos de gafanhoto, concordou, balançando várias vezes a cabeça. Ele era o proprietário do hotel.

— Queira me acompanhar, srta. Hamilton — disse o mais educado. — Sou Richard Silvers, seu criado. Desejo que tenha uma ótima estada.

A jovem, de uns 22 anos, pareceu entender finalmente algo de estranho naquela situação. Em seu belo rosto estampou-se a angústia e o medo. Richard Silvers devorava o corpo da moça com olhos lascivos, O vestido azul-claro de malha que ela usava destacava os seios juvenis, modelando a cintura fina e a curvatura dos quadris.

Clint Garnett aproximou-se do balcão.

— Tem um quarto?

A pergunta, embora dirigida ao proprietário do hotel, foi respondida pelo tal Gower.

— Claro que sim, cavalheiro. Qual seu nome?

— Clint Garnett.

— Está a par da situação, sr. Garnett?

— Sim — respondeu com um sorriso.

— Então já sabe que não poderá deixar Saint Paul sem o consentimento dos Silvers. — Gower observou significativamente o cinturão de Garnett. — Vejo que é uma pessoa prudente. Parabéns. Qual o número?

O proprietário do hotel pegou uma das chaves.

— Quarto número 5.

Garnett se encaminhou para a escadaria. Cruzou com Richard Silvers no patamar. Encararam-se, porém não trocaram nenhuma palavra.

Garnett percorreu o corredor, detendo-se na porta assinalada com o número 5, introduzindo a chave na fechadura. Ao mesmo tempo, abriu-se uma das portas no corredor.

— Ouça, senhor...

Garnett virou-se na direção da voz, contemplando a moça que havia subido um pouco antes.

— Pois não?

— Quer me ajudar a sair daqui? Podemos tentar de madrugada. Tenho um revólver e...

— Sinto muito — interrompeu Garnett. — Não conte comigo.

— Sou Marta Hamilton. Meu pai é um importante criador de gado em Laredo. Tenha certeza de que será muito bem recompensado.

— Todas as saídas estão sendo controladas, Marta. Não é má vontade. É inútil tentar a fuga.

A jovem olhou-o com desprezo.

— Está com medo?

— Quem sabe?

— Muito bem. Vou tentar sozinha. Não preciso de ajuda.

— Boa sorte!

Garnett fechou a porta de seu quarto. Minutos depois, desabava na cama, olhando fixamente para o teto.

Havia se decidido: não interviria. Ficaria fora do que acontecesse. Nunca mais acionaria um revólver.

O Pistoleiro dos Olhos Azuis estava mono. Nada, ninguém o ressuscitaria.

Por outro lado, aqueles covardes moradores do povoado não mereciam que nem ele nem ninguém arriscasse a vida para lhes ajudar.

Diante dos olhos de todos, três assassinatos repugnantes foram cometidos e todos permaneceram quietos, tremendo de medo.

Era, portanto, uma estupidez enfrentar aqueles marginais para defender algo que os próprios cidadãos de Saint Paul não foram capazes de fazer.

O que acontecesse ali, em nada lhe dizia respeito...

OITO

O dia amanheceu com o tempo fechado, cinzento, prenunciando tempestade.

Um ar parado, irrespirável, sufocava a cidade. Os moradores permaneciam trancados em suas casas. O enterro do xerife Arthur Grauman havia se realizado debaixo desse ambiente com o céu carregado. Apenas a viúva e o filho único acompanharam o féretro. E, no entanto, o xerife deixava muitos amigos. Amigos que assistiram impassíveis ao linchamento, e que agora nem sequer se atreviam a despedir-se dele.

Um dia cinzento, em que se respirava a fetidez da morte. Tab Benedek pigarreou antes de perguntar.

— Tem certeza do que está fazendo?

— E por que não teria? Você mesmo me garantiu que o negócio é bom.

— Claro que é.. mas com a chegada desses pistoleiros... nem sei mais o que dizer.

— Não muda as coisas. Esses caras partirão brevemente. Ou será que, por acaso, não espera reação dos valorosos habitantes de Saint Paul?

O velho estalou a língua, negando acabrunhado.

— Não me goze, Clint. Enganei-me. Não passamos de um bando de ratos assustados. Por enquanto, os irmãos

Silvers estão mantendo a palavra de não

promoverem distúrbios se ficarmos quietos. Talvez assim seja melhor.

Passaram em frente ao escritório do xerife. Um dos furtivos usava a estrela do falecido Grauman; os demais perambulavam pelo povoado armados até os dentes.

Garnett e o velho pararam perto de uma casa. Tab Benedek chamou baixinho. Uma das cortinas se moveu

suavemente; segundos depois, a porta se abria, surgindo uma mulher de uns sessenta anos.

— Olá, Tab, pode entrar.

A mulher, nervosa, fechou a porta rapidamente. Fez um sinal para os homens.

— Vou tomar um café. Aceitam uma xícara?

— Claro, Betsy! Sabe que adoro esse seu café. Mas quero lhe apresentar Clint Garnett, de quem já falei. Está interessado no armazém.

A mulher examinou Garnett com olhar penetrante.

— Você é bastante jovem, e seus olhos brilham fortemente. Não vai se interessar por esse tipo de negócio que o obrigará a viver num lugar como este. Os jovens gostam de liberdade, de sair de um lugar para outro.

Garnett esboçou um sorriso misterioso.

— Não sou tão jovem, senhora. Também estou cansado de tanta liberdade. Fiz mau uso dela.

— Muito bem. Seria besteira de minha parte tentar

mudar sua opinião. Quero vender esse armazém o quanto antes, ainda mais agora, com a chegada desses malfeitores. O abutre do Bradbury quer comprar por 3 mil dólares, instalações e mercadorias. Bradbury é um agiota oportunista que se aproveita das circunstâncias. Calculo o valor de tudo em cerca de 5 mil. Eu lhe garanto que é uma verdadeira pechincha. O preço para você, são os mesmos 3 mil. Inclusive faria um desconto só para chatear o Bradbury. Se quiser, pode visitar o armazém...

— Não será necessário. Negócio fechado. Betsy piscou, surpresa e contente.

Rapaz decidido. Você vai ganhar algum dinheiro, mas não o suficiente para enriquecer. Abastecerá Saint Paul e uns

quatro ou cinco ranchos vizinhos. Os outros preferem comprar em San Antonio ou em Laredo. O que você acha?

— Para mim basta viver em paz. Conformo-me com isso. E achei este, o lugar ideal.

Tab Benedek soltou um riso maroto.

— Viver em paz? Na companhia dos irmãos Silvers?

— Os Silvers escolheram Saint Paul pela tranqüilidade. Os rangers jamais suspeitariam que eles viriam para cá. Passado o sufoco, estes bandidos cairão fora, e tudo voltará ao normal.

— O jovem tem razão, Tab — concordou Betsy servindo o café. — Vivo há trinta anos em Saint Paul, e posso contar nos dedos de uma das mãos o número de mortes violentas. Não é isso?

Benedek confirmou com a cabeça.

— Sim, apenas esses malditos Silvers conseguiram perturbar nossa paz. Fico alegre, em parte, pois serviu para mostrar que somos um povoado onde moram ratos medrosos. Tanta tranqüilidade nos atrofiou a coragem. Assistimos ao assassinato do xerife sem mover uma palha.

— Viver é mais importante.

— Às vezes é preferível morrer — replicou o velho com veemência.

Garnett não acrescentou nenhum comentário. Tirou um maço de notas, separando os 3 mil dólares para o negócio. A mulher, por outro lado, abriu uma das gavetas da mesa, pegando um papel que estendeu a Garnett.

— É o contrato de venda, redigido pelo próprio juiz de Abilene, que é um grande amigo. Os pormenores estão bem detalhados e...

Clint Garnett guardou o documento sem fazer a leitura.

Apenas acenou com a cabeça.

— Foi um imenso prazer negociar com a senhora.

— A partir de agora o armazém está à disposição. Deixarei a casa assim que os pistoleiros permitirem a saída de Saint Paul.

— Pode ficar o tempo que quiser. Vamos, vovô!

— Ainda não, Clint. Vou aceitar outro cafezinho.

— Até mais, então. Adeus, senhora.

Betsy o acompanhou até a porta, repetindo a saudação.

Clint parou no alpendre, observando a casa ao lado. Era o armazém e, sem dúvida, tinha comunicação com a casa de Betsy. Juntamente com o contrato lhe haviam entregue as chaves.

Hesitou uns segundos ao introduzir a chave na fechadura. Assim que entrou, abriu as duas janelas. Garnett não se furtou a sorrir satisfeito. O terrível Pistoleiro dos Olhos Azuis convertido em comerciante! Não se importava. Muito pelo contrário, estava contente, ansioso para enterrar o passado e com ele as sangrentas recordações.

Examinou o local minuciosamente. As provisões de alimentos eram quase nulas, limitando-se a umas poucas latas. No entanto, havia por ali uma variedade de mercadorias.

Instintivamente, foi até a vitrina onde estavam expostas as armas. Empunhou um revólver com cabo de marfim, artisticamente decorado. Um moderno Colt.

— Pensando usá-lo?

Garnett não se abalou nem um pouco. Virou-se lentamente, encontrando a sua frente a mulher do hotel, Marta Hamilton.

— Olá, menina. Achei que estivesse a caminho de San Antonio. Não tentou fugir?

A garota usava a mesma roupa da noite anterior, um vestido azul-claro, modelando os contornos juvenis.

— Você tinha razão, senhor...

— Garnett. Mas pode me chamar de Clint.

— Era mesmo suicídio tentar escapar. Devia tê-lo c

— Já está esquecido. Também não me ofendi quando me chamou de covarde.

— Vai comprar um revólver?

Garnett sorriu, devolvendo o Colt à vitrina.

— Oh, não! Continuarei desarmado.

Apenas inspecionava o lugar; acabo de comprar este armazém.

— Verdade? Acho ótimo. Vim para comprar algumas peças Intimas, pois não pretendo abrir mais as malas. Ficarei o menor tempo que puder neste povoado.

Garnett engoliu em seco.

— Quer comprar?

— Não se preocupe. Eu mesma me servirei. Vejo naquele canto o que preciso. Com licença...

Garnett saiu de lado. A garota passou roçando nele

aquele corpo jovem e sedutor. O suave perfume que usava deixou Garnett tonto. Era mesmo encantadora, belo rosto, lábios bem delineados, o corpo em perfeita harmonia.

Nesse momento, uma voz rouca trouxe Garnett de volta à realidade.

— Olá, menina! Procurei você no hotel inteiro. Era Richard Silvers, à soleira da entrada, acompanhado por dois capangas, que o aguardavam na rua.

Silvers foi se aproximando.

— Convido você para tomar um whisky.

— Obrigada, mas não vou aceitar.

— Acho que não entendeu, pequena. — Sorriu Richard Silvers que continuava fazendo um tipo refinado. — Meu convite é uma ordem. Entendeu agora?

Marta enrubesceu, furiosa.

— Eu não...

Silvers pegou-a pelo braço.

— Vamos, criança. Vou lhe contar minha vida enquanto passeamos calmamente pelo povoado.

Estavam saindo quando Silvers olhou firme para Garnett e para a vitrina de armas.

— E quem é você?

— Sou Clint Garnett, o proprietário deste armazém.

— Muito bem, amigo. Meus homens vão ficar com as armas.

— Farei um bom preço para você. Silvers riu alegremente.

— Essa foi muito boa! Não, meu caro amigo; não soltaremos nem um centavo por elas. E também não é prudente que fiquem assim, exibidas aos valorosos habitantes de Saint Paul.

— Essas armas têm um preço, meu amigo.

Richard Silvers acertou um soco com a direita na boca do estômago de Garnett, que se curvou sentindo o golpe. Mais um sopapo no rosto, e ficou estirado no chão.

— Já está pago, bastardo?

Garnett levantou a cabeça. Pelo nariz, jorrava sangue enegrecido. De repente, aqueles olhos azuis adquiriram o antigo brilho. Uma centelha fugaz, quase imperceptível, de violência...

— Sim... podem levar as armas...

— E uma cara muito prudente.

Silvers soltou mais uma estridente gargalhada. Segurou Marta novamente pelo braço e saiu. Minutos depois, dois indivíduos entraram no armazém e levaram as armas.

Clint Garnett estava indiferente.

* * *

O dia, apesar da ausência do sol, estava quente, sufocante. A maioria dos habitantes de Saint Paul renunciou à sesta após o meio-dia, pois as

circunstâncias os obrigaram. Apenas os velhos, aqueles que não tinham nada a perder, os que viviam indiferentes conseguiam dormir calmamente.

Uns vinte homens reuniram-se nas cocheiras do velho Benedek. Em seus rostos se via o nervosismo e o medo. Apenas um deles parecia alheio a tudo aquilo.

O homem dos olhos azuis.

— Você também atendeu ao apelo? Garnett trouxe o cigarro sem convicção.

— Sim, vovô. O prefeito implorou que viesse. Estão festejando o quê?

Tab Benedek riu descontroladamente, tirando da jaqueta encardida que sempre usava uma garrafa de whisky.

— Festa? Claro! Bruce chegará a qualquer momento para iniciar o baile.

De fato o prefeito Bruce Thorson não se deixou esperar. Ao contrário do que todos previam, havia um amplo sorriso em seus lábios. Subiu numa carroça desatrelada, das muitas que estavam estacionadas por lá, pedindo silêncio. Pigarreou várias vezes antes de falar.

— Amigos, chamei todos os homens que pudessem empunhar uma arma; pelo que estou vendo, nem todos atenderam. Bem, os ausentes ficarão na memória de todos nós, marcados como covardes e incapazes de defender o povoado. Mas,

não importa, não precisamos deles.

— Menos trabalho para o cozeiro! — exclamou o velho Benedek numa gargalhada nervosa.

O prefeito ignorou a intromissão. Continuou impassível:

— Treze pistoleiros se apossaram de Saint Paul. Se deixarmos as coisas como estão, não agüentaremos muito tempo. Os rangers não perdem uma pista facilmente. Mais cedo ou mais tarde, virão para cá, nesta esquecida cidade perdida nas montanhas. A estada desagradável dos Silvers, entre nós, não dura mais dois dias.

— Então vamos esperar — gritou uma voz. — Por que nos arriscar bestamente, lutando?

— Não, amigos! Não podemos ficar indiferentes. Sabem o que acontecerá no dia da saída desses bandidos? Saquearão o povoado, roubando qualquer valor. Cairão sobre nós como aves de rapina.

— Malditos sejam! — exclamou uma voz rouca. — Menos conversa, Bruce! O que vamos fazer? Nenhum de nós é hábil com o revólver! Eu tenho mulher e filhos e não estou disposto a morrer.

Bruce Thorson sorriu misteriosamente.

— Calma, rapazes. Nem tudo está perdido em Saint Paul. Temos um vizinho novo, que é Clint Garnett. Ele comprou o armazém da velha Betsy. Vai se estabelecer por aqui, conviver conosco.

Todos olharam Garnett, que parecia alheio ao que acontecia, fumando indiferente.

— E daí? — gritou novamente a voz rouca. — Isso não resolve nada!

— Engana-se, Herman. — Sorriu o prefeito. — Clint Garnett é o homem que vai nos salvar, acabando com essa quadrilha de fugitivos. Amigos, está entre nós Clint Garnett, o Pistoleiro dos Olhos Azuis.

Já estava dito.

Por razões que o próprio Clint ignorava, o prefeito conhecia a verdadeira identidade do novo morador. Sabia que era um pistoleiro famoso, com muitas mortes nas costas.

Como descobrira? Um grande mistério para Clint, pois a fama que gozava era restrita ao Arizona. Nunca estivera anteriormente no Texas, e, portanto, nenhum acontecimento envolvendo sangue ocorrera até então naquela região.

Não obstante, o prefeito conhecia sua fama de matador. E, o que era pior, viu na ocasião a oportunidade de salvar a população da incômoda dominação dos Silvers.

Por isso estava tão sorridente. Por isso foi tão enfático em seu discurso.

NOVE

As pessoas reunidas naquele local olharam intrigadas para Garnett, que perdera aquele ar indiferente. Empalideceu, e um tremor quase imperceptível percorreu-lhe a espinha.

O Pistoleiro dos Olhos Azuis era um ilustre desconhecido para aquela gente. E o prefeito Bruce Thorson parecia saber muito sobre ele.

— Amigos, aqui no Texas o Pistoleiro dos Olhos Azuis nada significa; mas todo Arizona treme quando ouve esse nome. Tucson, Tombstone, Yuma... todas essas cidades comentam as façanhas do homem que implantou a Lei e a Ordem com o revólver numa infinidade de lugares turbulentos. Também conhecemos a história de Lorainville e do Rei do Colt. Pois Clint Garnett liquidou o vencedor daquele torneio sangrento!

Todos os presentes rodearam Garnett, murmurando frases elogiosas. De fato, sabiam sobre Lorainville, a terra do duelo.

Tab dava tapinhas amistosas nas costas do famoso pistoleiro.

— Mas, que diabo, meu filho! Jamais poderia imaginar! Garnett se recompôs lentamente. Uma sensação desagradável lhe oprimia o peito. Os olhos azuis perderiam o característico brilho: estavam,

agora, apagados, sem vida.

— Cavalheiros, lamento muito, mas não posso ajudar.

Os homens ficaram perplexos. Apenas o prefeito não pareceu preocupado.

— Amigos, deixem-me a sós com o sr. Garnett. A reunião terminou.

Obedeceram contrariados. Ficou apenas o velho Benedek, pois o local lhe pertencia.

— E por que não, Garnett? Por que não vai nos ajudar?

— Abandonei as armas. Jamais voltarei a empunhar um revólver.

— Nem para defender a própria vida?

— Você raciocinou com perfeição, prefeito. Esses indivíduos nos deixarão brevemente. Não poderão ficar escondidos indefinidamente. É possível igualmente que cometam alguma proeza quando estiverem saindo. Mas não derramarão mais sangue.

— Não tenho tanta certeza disso, Garnett. Você, o Pistoleiro dos Olhos Azuis, pode acabar facilmente com esses fugitivos. Você pacificou cidades como Victory City, também pode fazer a paz voltar a este lugar. Será bem pago, Garnett. Farei uma coleta entre todos os habitantes de Saint Paul. Juntaremos um bom dinheiro. Eu mesmo contribuirei com 500 dólares, para começar.

— O problema não é dinheiro. Apenas decidi

nunca mais empunhar um Colt.

— Eu entendo. É o fantasma de Deborah, não é?

Clint Garnett gelou. Ficou sem ação durante alguns segundos. Depois abriu os olhos vagarosamente.

— Como sabe disso? Quem lhe disse que sou o Pistoleiro dos Olhos Azuis?

— Ninguém., quero dizer, um amigo procedente de Lorainville me contou a seu respeito...

— Está mentindo. Poucas pessoas relacionam a pessoa de Clint Garnett ao Pistoleiro dos Olhos Azuis.

Bruce Thorson mostrou-se irritado.

— Minha fonte de informação não é importante neste momento. Temos de agir rapidamente para nos livrarmos desses bandidos. E você pode conseguir isso, Garnett, tenho certeza. Se ficar de fora, no entanto, é melhor que se vá com esses assassinos.

— Bruce, espere um momento — interveio Benedek, que até então permanecia calado. — Se Garnett aceitar a luta contra esses bandidos, terá nossa ajuda?

— Você sabe que não, Tab. Não somos pistoleiros. E numa situação dessas não temos condições de manejar revólveres e...

— Em outras palavras, somos uns covardes. O prefeito deu de ombros.

— Acho que está com a razão. Mas reconsidere sua decisão, Garnett. Até mais.

Bruce Thorson acendeu um cigarro, saindo das cocheiras. O velho ofereceu uma garrafa de whisky a Garnett.

— Aceita um trago?

— Obrigado, vovô.

— Não se preocupe. Se não quer empunhar o revólver, não o faça.

Garnett sorriu tristemente.

— E depois, quando esses fugitivos deixarem Saint Paul, eu também serei obrigado a sair. Você ouviu o prefeito dizer.

— Que se dane tudo!

— Não, vovô. Estou procurando um lugar para viver em paz, com tranqüilidade. Mas estou vendo que é inútil. É utópico.

— É o que?

Esqueça isso. Sobre mim recai essa pesada maldição de os mortos e os fantasmas me acompanharem a todos os lugares onde esteja: não terei um segundo de paz.

— Asneiras. Mas vou lhe dizer algo que parece que esqueceu. Quando comprou o armazém, você se tornou um cidadão de Saint Paul...

Garnett voltou a sorrir amargurado. Não tinha levado isso em consideração. Mas não era nisso que pensava e, sim, na maldição de Deborah, que estava se cumprindo.

Como? Como o prefeito descobriu quem era? No

Texas não o conheciam. No entanto...

Clint Garnett, atormentado por essas questões, dirigiu-se ao saloon, sem encontrar nenhum habitante nas ruas. Continuavam todos trancados em suas casas. Medrosos e covardes.

A morte do xerife produziu o efeito desejado pelos bandidos.

Cruzou as portinholas do local, onde estavam apenas dois homens e uma mulher: Melvin e Ernest Silvers, além de Estela.

Melvin Silvers estava atrás do balcão escolhendo algumas garrafas de whisky. O irmão permanecia sentado perto de Estela, numa das mesas próximas à cozinha.

— Deseja tomar alguma coisa, amigo?

— Aceito um whisky — respondeu Garnett com voz rouca.

Melvin Silvers soltou uma risada debochada e deixou o balcão, levando duas garrafas.

— Sirva-se você mesmo.

O malfeitor dirigiu-se à mesa, ficando Estela no meio dos irmãos. Estava tranqüila e indiferente ao que ocorria. Em seus olhos não havia medo. Aqueles belos olhos cristalinos não demonstravam emoção alguma. Eram frios, terrivelmente frios. Carentes de vida.

— Sorria, menina! — exclamou Melvin Silvers, abraçando-a nos ombros.

— Não entendeu ainda, irmão? Estamos acabando com o estoque do whisky!

Melvin aproximou-se do rosto da moça, beijando-a na boca brutalmente. Estela continuou imóvel, sem se mexer, impassível.

Silvers xingou.

— Maldita! É o mesmo que beijar uma estátua! Que raio de coisa acontece com você, boneca? Por acaso não lhe agrado?

Clint mordeu os lábios com força. Uma raiva surda foi invadindo seu corpo, fazendo o sangue ferver.

Mas, mesmo assim, não interveio. Aquilo não lhe dizia respeito. Continuaría de fora.

Depois de esvaziar seu copo numa golada, colocou uma moeda no balcão. Dirigiu-se à saída, evitando o olhar de Estela.

Não chegou a sair, pois no mesmo instante chegava o Silvers mais velho. Olhou risonho para Garnett.

— Estava procurando você.

— Não diga!

— Ei, rapazes! — gritou William Silvers para os irmãos.

— Temos entre nós ninguém menos do que Clint Garnett, o famoso Pistoleiro dos Olhos Azuis.

DEZ

Melvin Silvers ergueu as sobrancelhas.

— Nunca ouvi falar desse cara.

— Ah, claro! É um sujeito muito conhecido na terra dele. Dizem que é muito perigoso! — comentou o Silvers mais velho, sem tirar o olho de Garnett. — Liquidou o Rei do Colt em Lorainville.

Melvin e Ernest começaram a achar a conversa interessante. Conheciam a fama dos duelos de Lorainville. Os dois irmãos se aprumaram, como se fossem empurrados pela mesma mola.

— Tem certeza disso, William?

— Claro! Acabo de receber a informação.

— Mas esse cara não usa armas.

William Silvers voltou a rir, exibindo dentes mal a

— Nosso amigo se redimiou e abandonou definitivamente o revólver. Ele agora só anda no bom caminho.

Ernest Silvers estalou a língua.

— Não dou fé. O que faremos com ele?

Os três irmãos rodearam Garnett, que permanecia calado. Estava impassível com a descoberta de sua verdadeira identidade uma vez mais.

— É melhor liquidá-lo — disse Melvin.

— Por que, irmão? Você é sempre impulsivo demais. Além disso, o Pistoleiro dos Olhos Azuis já

deixou de ser perigoso. Não tentará pacificar Saint Paul, não é mesmo, Garnett?

Garnett não respondeu. Então, William Silvers desferiu-lhe um murro de direita no meio do rosto, em cheio. Garnett cambaleou, sentindo o golpe, mas não caiu.

— Eu lhe fiz uma pergunta, companheiro. Acho melhor você responder.

— Não pretendo intervir — balbuciou. — Nada do que acontece por aqui me diz respeito.

Os três Silvers riram debochadamente.

— Bom garoto!

— Ouça, William. Por que não lhe aplicamos o castigo que merece? Para que não tente nada de errado.

— Ótima idéia, Ernest. Odeio tipos como Garnett. Dão-me nojo. Esses caras tentam se regenerar ficando mansos como cordeirinhos. Não passa de um grande covarde, Garnett.

Desta vez, foi Melvin quem esmurrou Garnett nas costas. Levou um golpe na nuca, que o fez se dobrar. William aproveitou para aplicar-lhe uma joelhada no rosto, fazendo Garnett cair para trás.

Não havia ainda se recuperado, quando recebeu um pontapé no estômago que lhe cortou a respiração. Perdeu o fôlego, e caiu meio desmaiado. O sangue voltou a palpitar com força nas têmporas. Num segundo, decidiu que acabaria com eles. Pegaria um

revólver e os encheria de chumbo...

Porém, a visão macabra das almas penadas voltou a desfilar em sua mente, encabeçada pelo corpo ensangüentado de Deborah, depois Poker King, Barry Stafford, o rapaz de

24 anos... Sombras fantasmagóricas que não o abandonariam nunca.

Não. Não reagiria, ficaria quieto.

Melvin Silvers passou furiosamente a larga espora nas costas de Garnett que continuava caldo no chão. Mais uma agressão. Agora era o Silvers mais velho que lhe aplicava um pontapé no baixo-ventre. Garnett boqueava agonizante e desesperadamente tentava respirar.

— Basta, irmãos. Por enquanto, é o suficiente. Tenho certeza de que esse pistoleiro dos olhos azuis não se intro- meterá em nossos assuntos. Vamos.

Os três bandidos deixaram o local às gargalhadas.

Clint Garnett permaneceu alguns instantes com os olhos fechados, controlando a duras penas a profunda dor que sentia. Quando voltou a abrir os olhos, encontrou o rosto de Estela bem junto ao dele. A mulher lhe deu um gole de whisky, que desceu queimando a garganta, reanimando-o.

— Como está se sentindo?

— Bem, obrigado...

Garnett levantou-se com o auxílio da jovem. Sentiu o suave corpo feminino palpitando junto ao dele.

Aquele rosto tão próximo, aqueles lábios carnudos, aqueles olhos negros tão tristes...

— Vou chamar o doutor...

— Não... não será preciso... estou bem...

Garnett separou-se da mulher, dirigindo-se cambaleante até a porta.

— Clint...

— Sim?

— Não entre nessa briga. Não pegue o revólver. É o que eles estão querendo. Se fizer isso, eles o matarão sem dó nem piedade.

Garnett ficou surpreso; os olhos azuis se turvaram. Aquela garota se preocupava com ele, um pistoleiro maldito. Até então, ninguém havia se importado com sua vida.

— Eu lhe agradeço muito, Estela — disse, retirando-se. No alpendre do saloon encontrou o prefeito Thorson, que olhava sorrindo para ele. Parecia divertir-se com o que via.

— Levou uma bela sova, hem, amigo!

— Não devia ter contado, senhor prefeito.

— Não estou entendendo. Está se referindo...

— Sim, você disse aos Silvers que eu era o Pistoleiro dos Olhos Azuis, pensando que eu os enfrentaria. Seu piano fracassou; continuo neutro.

— Está enganado, rapaz. Eu não disse nada. Juro!

Garnett sentiu a cabeça girando; teve de apoiar-se numa das colunas da entrada.

— Você não... Tem certeza?

Clint Garnett tremeu dos pés à cabeça. Os fantasmas de Deborah e de King continuavam a persegui-lo: *nenhum segundo de paz*.

Na recepção do hotel, havia um indivíduo armado com uma Winchester de doze tiros, de mesmo calibre do revólver que levava na cintura. Atrás do balcão, o proprietário do lugar agüentava com paciência de frade as brincadeiras do foragido.

* * *

O hotel, o saloon, a prefeitura... Todos os pontos importantes estavam muito bem vigiados, tanto quanto as quatro saídas do povoado. Podia se entrar facilmente, mas sair era impossível.

Aquela situação não podia durar para sempre, e os Silvers sabiam disso perfeitamente. Os rangers não desistiriam de encontrá-los. Varreriam todos os cantos do Texas até o último rincão. Clint Garnett pediu a chave do quarto em que se hospedava ao dono do estabelecimento. Ignorou propositalmente o olhar debochado do vigia.

Subiu a escada alcançando o amplo corredor. Não havia ainda introduzido a chave na fechadura, quando ouviu um aterrorizado grito feminino vindo da direção do quarto de Marta Hamilton.

Desta vez, Garnett não vacilou. A surra e a humilhação que sofrera e o perigo que uma jovem corria o levaram a jogar-se violentamente contra a

porta, arrebentando a fechadura.

No meio da cena encontrava-se Richard Silvers. Parecia muito surpreso, paralisado, olhando alternadamente para Marta e Garnett.

A moça estava encurralada num dos cantos do cômodo. Aquele rosto tão belo e cheio de vida estava pálido, refletindo um pavor indescritível. A blusa branca tinha sido arrancada, expondo os eretos seios juvenis que ela tentava cobrir com as mãos.

Richard Silvers, ainda apalermado, tentou sacar o Colt, mas Garnett atirou-se sobre ele com violência. Os dois rolaram pelo chão, lutando furiosamente, trocando duros golpes.

Clint Garnett esmurrou o inimigo seguidas vezes até conseguir lhe aplicar uma joelhada no baixo ventre deixando-o no chão com os olhos esbugalhados de dor. De pé, Garnett foi impiedoso. Com o salto da bota direita, atingiu Silvers na cabeça. O foragido ficou estendido no chão.

Garnett virou-se. A jovem atirou-se em seus braços soluçando.

— Oh, meu Deus! Foi horrível! Ele tentou...

— Esqueça tudo isso.

— Não fosse você agir...

Garnett engoliu em seco. Sentia aquele corpo palpitando convulsionadamente, a respiração entrecortada, as fortes batidas do coração, o vaivém descompassado dos seios juvenis...

Afastou-a com suavidade.

— Já está tudo bem.

Marta Hamilton percebeu então pela primeira vez que estava semidespida. Tentou se cobrir com os pedaços da blusa rasgada.

Garnett sorriu.

Gentilmente deu meia-volta e ficou de costas para ela. Olhava para o criado-mudo onde havia uma frásqueira. Observou a cama onde percebeu um pequeno revólver Derringer, com cabo decorado artisticamente. Parecia uma arma de brinquedo mas, a pouca distância, produzia o mesmo efeito devastador do Colt .45...

Foi nesse instante que Marta gritou pela segunda vez:

— Cuidado!

Garnett atirou-se na cama, apanhando o revólver. Deu várias cambalhotas, esquivando-se da bala mortífera disparada pelo Silvers. Garnett também puxou o gatilho...

O bandido levou as mãos ao rosto e quando as retirou, estavam tingidas de vermelho. A bala havia entrado pelo olho esquerdo. Um dos famigerados irmãos Silvers acabara de deixar o mundo dos vivos.

Marta Hamilton continuava gritando histérica até que duas bofetadas de Garnett a calaram.

A garota então começou a soluçar baixinho.

— Perdão... não...

Clint Garnett pareceu não lhe dar a menor atenção.

Precipitou-se sobre a arma do indivíduo esticado no chão, e saiu porta afora.

O vigia da entrada do hotel vinha pelo corredor. Ao perceber Garnett armado, engatilhou a Winchester. Mas o Pistoleiro dos Olhos Azuis com um revólver na mão era um homem muito especial.

Atirou-se ao solo e, antes de tocar o assoalho, disparou. O tipo caiu, deixando escapar mansamente o rifle de suas mãos. A bala havia perfurado sua garganta. Nem um só gemido saiu daquela boca.

Garnett se levantou. Com total indiferença, sacudiu a poeira da roupa negra que vestia.

Pegou o rifle, sob o olhar de Marta que se aproximava.

— Está mais calma?

A moça contemplava como que hipnotizada o segundo corpo estatelado no chão. Respondeu afirmativamente, com um ligeiro aceno de cabeça.

Garnett sorriu, procurando tranqüilizá-la. Abraçou-a protegendo-a paternalmente.

— Perdão por ter esbofeteado você. Não havia outro jeito. Agora você está...

Um disparo interrompeu as palavras de Garnett. Seu rosto se transfigurou instantaneamente. Os olhos readquiriram a dureza que seus inimigos viam antes de morrer. A mesma implacável decisão que o dominava ao limpar as cidades de bandidos imundos.

Os Silvers ainda não sabiam. Mas naquele momento estava solta uma fera por demais perigosa para eles enfrentarem...

ONZE

O disparo não veio do interior do estabelecimento. Clint Garnett entrou no quarto, aproximando-se da janela. William Silvers estava no meio da rua, acompanhado de cinco homens que o rodeavam. Junto deles estava um jovem de uns dezoito anos, fortemente amordaçado. O mais velho dos Silvers puxou o gatilho pela segunda vez, disparando para o alto e gritando a plenos pulmões.

— Seus ratos! Saiam do esconderijo! Vou aplicar a minha lei pela segunda vez! Este moleque tentou fugir do povoado, liquidando um dos meus homens. Por causa disso morrerá enforcado.

Clint Garnett, alojado no quarto do hotel, escutou as palavras do foragido. Ficou apoiado no parapeito da janela, olhando fixamente para o grupo de homens.

— Está pensando em agir?

Garnett desviou os olhos até o rapaz. Depois, contempiu o cadáver de Richard Silvers.

Não podia voltar atrás. Quando descobrissem a morte do irmão, os Silvers tratariam de vingá-lo. Segurou a Winchester com força.

— Esse pobre coitado vai morrer. Eu nem o conheço. Mas os moradores de Saint Paul devem saber quem é, conhecem seus pais. Por que não o ajudam? Por que não lutam? Por que não defendem o

povoado?

— Sentem medo.

— Medo!

Garnett cerrou os olhos. Também sentia medo. Medo de matar mais e mais. Medo daquela sangrenta visão que o perseguia. Mas agora era tarde demais para recuar.

O Pistoleiro dos Olhos Azuis jamais encontraria a paz que tanto procurava. Quem sabe, ao enfrentar aqueles assassinos, não terminaria tudo de uma vez. Uma única bala em seu corpo lhe proporcionaria a paz tão desejada.

William Silvers levantou o braço direito, dando o sinal. Uma corda envolvia o pescoço do rapaz. A força improvisada era a viga de uma sacada. Um indivíduo de rosto sardento puxava o outro extremo da corda. Sorria aguardando a ordem do chefe.

William prolongava a cerimônia o máximo possível, se deliciando ao ver o terror estampado no rosto do condenado.

— Muito bem, menino! Nunca viu um enforcamento? É exatamente igual ao que vai acontecer com você. Vai sentir um prazer danado quando a corda estrangular sua garganta. Dá uma vontade louca de dançar. Pena que os pés só encontrem o vazio... Bem, já gastei muita saliva com você. O melhor é começar a festa. Pode subir com ele!

Garnett engatilhou o rifle. Apontou o cano na

direção da cabeça de William Silvers. O ponto de mira parecia brincar, dançando diante de seus olhos. O dedo indicador foi se curvando suavemente.

Clint se esqueceu de tudo. Pensava apenas em salvar a vida daquele rapaz. Não podia mais se omitir.

Apertou o gatilho.

William Silvers nem chegou a abaixar o braço direito. A bala lhe perfurou a nuca, esguichando sangue por todos os lados.

O mais velho dos Silvers, procurado em todo o Estado por assaltos e mortes, jazia morto, de bruços, na poeira da rua.

Clint Garnett puxou novamente o gatilho.

O tipo de rosto sardento, que esticava a corda no outro extremo, começou a urrar como um possesso. A bala na barriga obrigou-o a retorcer-se convulsivamente, soltando desesperados gritos de dor.

Os outros quatro pistoleiros correram procurando abrigo, ao mesmo tempo em que sacavam as armas, recompondo-se do surpreendente ataque.

Um deles não alcançou a mureta escolhida. Tombou a poucos metros do bebedouro, com uma bala no peito.

Clint Garnett já havia sido descoberto em seu esconderijo. Uma chuva de balas ricocheteava em volta da janela, estilhaçando os vidros. O Pistoleiro

dos Olhos Azuis virou-se para Marta.

— Muito bem, pequena. É melhor você sair daqui. Creio que não incomodarão mais você, pois estarão muito ocupados comigo. Adeus.

— Aonde você vai?

— Ao encontro da morte. Gosto de ser pontual.

Clint Garnett saiu pelo corredor, descendo a escada com o rifle nas mãos. Na sala de espera, o proprietário do hotel olhava pasmo.

— Existe alguma outra saída?

— Sim. Aquela porta vai dar nos fundos, onde ficam as cocheiras e...

Garnett não esperou até o final das explicações. Continuou correndo na direção indicada. Instantes depois, encontrava-se num pequeno pátio onde ficavam guardadas as carroças danificadas. Avançou, escondendo-se no meio delas; de lá podia observar três indivíduos correrem para a entrada do hotel. O rapaz que seria enforcado ficou esquecido. Tab Benedek aproveitou as circunstâncias para soltá-lo.

Garnett sorriu vendo o velho Benedek agir com a irresponsabilidade de uma criança... aos 70 anos.

Clint Garnett deixou para trás as cocheiras do hotel. Com largas passadas, atravessou até as casas mais próximas, paralelas à rua principal. Deteve-se ofegante junto a uma das portas. O suor lhe cobria o rosto.

Quando ia retomar a caminhada, a porta se abriu r

— Entre, rápido!

A surpresa de Garnett passou logo. Aceitou de imediato o convite e entrou.

— Obrigado, Estela.

A moça fechou a porta apressadamente. Os olhos negros continuavam refletindo uma profunda tristeza, uma infinita amargura. Ensaiou um leve sorriso.

— Ainda bem que você não seguiu meu conselho.

— Certo. Nem eu mesmo sei como aconteceu.

— Mas não espere ajuda dos habitantes daqui.

— Já estou recebendo, Estela.

— Se refere a mim? Não tenho nada a perder, nem temo esses bandidos. Não tenho medo de morrer.

Garnett olhou a jovem nos olhos.

— Já somos dois, pequena. Eu também não temo a morte.

— Talvez porque ninguém vá chorar nossa morte, certo?

— É bem possível.

— Siga-me.

— Onde estamos? No saloon?

— Sim. Aqui é a cozinha. Lá em cima você ficará seguro, pelo menos por enquanto.

Estela abriu uma outra porta e atravessaram o salão chegando à escada atapetada.

— Por que está me ajudando?

— Já lhe disse. Nada tenho a perder, Também não

gosto de ver ninguém lutando em desvantagem. Você é o Clint Garnett, verdade ou não?

— Sou.

— O Pistoleiro dos Olhos Azuis., lindo apelido!

— Não me agrada, e gostaria de esquecê-lo para sempre.

Chegaram a um corredor estreito. Avançaram por ali até pararem diante de um aposento.

— Existem coisas que a gente não esquece nunca, Clint. Por mais que se tente.

— Acho que tem razão.

— E, repito, ninguém lhe dará o menor apoio.

— Também sei disso, Estela. Mas existe algo que o velho Tab se encarregou de me lembrar. Defendendo este povoado defendo a mim mesmo. Comprando o armazém da viúva Norman, virei cidadão de Saint Paul.

— Eles nem te agradecerão no final.

— Tenho certeza de que isto vai ocorrer, Estela. É assim mesmo que as coisas acontecem, mas a esta altura não posso recuar de maneira alguma.

* * *

Entraram no cômodo. A janela desse quarto dava para a rua principal. Clint Garnett nem reparou na mobília, indo diretamente para a janela, afastando com cuidado as cortinas. Quatro elementos com rifles engatilhados revistavam as casas, uma a uma. Na outra extremidade, onde estava o hotel, Melvin

Silvers conversava com dois capangas. As saídas do povoado já não estavam todas vigiadas.

Os bandidos, agora, tinham um único objetivo: caçar o Pistoleiro dos Olhos Azuis.

Garnett afastou-se da janela. Acomodou-se num sofá largo, encostando o rifle na parede do quarto. Por instantes, contemplou o moderno rifle Winchester.

— Na verdade, você não desejava isso, não é, Clint? Não queria matar novamente.

Garnett sorriu sem graça.

— É verdade... Mas não se pode lutar contra o destino, contra a fatalidade.

— Não fale assim. Sou apenas uma mulher frágil, mas soube enfrentar a desgraça. A fazenda dos meus pais foi arrasada durante a Guerra Civil, e meu irmão tombou em Richmond. Gregory, meu noivo, sofreu queimaduras horríveis no rosto e nunca mais ouvi falar nele, não teve coragem de me procurar. Fiquei sozinha, Clint. Lutei contra tudo e contra todos. Cheguei há três anos, em Saint Paul e essa gente me aceitou bem. Aqui voltei a viver feliz.

Os olhos azuis de Garnett se acenderam, iluminaram-se com toda intensidade.

— Você é feliz de verdade?

— Procuo a felicidade. Por esse simples fato me considero feliz. Tenho pena daqueles que não sabem procurá-la, ligados a um passado que não tem retorno. Eu vivo intensamente o presente. E tenho

muita esperança no futuro.

— E eu sou um homem sem futuro. Há meses que procuro um canto qualquer, um pedaço de terra, onde me deixem viverem paz. Não consigo achar esse local. Sobre mim pesa uma terrível maldição, Estela. Mas isso já não importa mais. Conheço meu caminho, minha sina.

— Esse pessimismo...

A moça foi interrompida por um intenso ruído vindo do andar de baixo. Olhou temerosa para Clint.

— Fique aqui. Não se mexa para nada! Vou ver quem chegou.

Estela saiu precipitadamente para fora do quarto.

Clint Garnett levantou-se do sofá e vasculhou os armários. Dentro de um deles viu, para seu assombro, um descomunal Colt .45 guardado no coldre. Girou o tambor do revólver, certificando-se de que estava carregado.

Ajustou o cinturão.

Desobedecendo o conselho de Estela foi até a porta. A morte o esperava a poucos passos dali.

A morte, às vezes, também é libertação. E Clint Garnett sabia disso, e quase a desejava. Pensou também que, se morresse daquela maneira, a serviço dos amedrontados e acovardados cidadãos de Saint Paul, pelo menos seu fim teria alguma utilidade.

DOZE

O rosto de Melvin foi tomado por uma expressão satânica. Os olhos brilhavam com força, e o beijo mutilado palpitava convulsivamente, como se tivesse vida independente. Andava escoltado por dois homens do bando.

Estela desceu a escada tentando mostrar indiferença.

— E agora, o que desejam?

Silvers se adiantou, nervoso. Com voz alterada.

— Não estou aqui para brincadeiras, menina! Dois irmãos meus estão mortos! Onde está ele?

— Quem?

— Sabe perfeitamente a quem me refiro! Ao bastardo do Clint Garnett! Para seu próprio bem, é melhor dizer a verdade! E enquanto não encontrar este filho da puta não sossegarei.

— Ele não está aqui.

Alguém chegou correndo ao saloon, ofegante e suando.

Resfolegava como um búfalo, como um touro bravo.

— Melvin!

— O que aconteceu, Robert?

— Três sujeitos conseguiram sair do povoado!

— E daí?

O tal de Robert fez uma careta estranha.

— Não percebeu ainda? Foram chamar os rangers.

— Temos tempo de sobra para liquidar esse Garnett.

— É melhor darmos o fora o quanto antes.

— Vamos ficar! William e Richard merecem vingança! Continuem revistando casa por casa!

— Mas os rangers...

— Faça o que estou mandando, imbecil!

Robert não esperou novas ordens.

Empurrou as portinholas do saloon, saindo em correria desembestada.

Melvin Silvers foi até o balcão. Os dois capangas mantinham-se a uma distância prudente, pois conheciam Melvin bem demais e sabiam que, quando se enfurecia, era pior que uma cascavel. Silvers pegou uma garrafa de whisky.

— Estava me procurando, Melvin?

Silvers viu num dos grandes espelhos, o reflexo de uma imagem; virou-se vagorosamente.

Clint Garnett estava no começo da escada, apoiando seu braço no corrimão. Exibia um rosto sorridente.

Silvers demorou a reagir.

— Não pensei que fosse tão doido, Clint. Não acreditava que você fosse capaz de desejar a morte.

— Você não me conhece, Melvin.

— Claro que não. Mas você terá muito tempo para contar sua vida aos meus irmãos, no inferno. Não deveria ter feito aquilo, companheiro. Assinou a

sentença de morte, sem nenhuma chance de salvação.

— Chega de conversa mole, Silvers.

O bandido olhou para os capangas posicionados; sua mão direita deslizou nervosamente até o cinturão onde o revólver estava pendurado.

Garnett sorriu. Morreria por último.

Melvin Silvers insinuou um movimento para sacar o Colt, no que foi imitado pelos dois guarda-costas.

Ouviram-se três tiros quase simultâneos, como se fosse um único disparo.

O revólver surgiu na mão de Garnett cuspidando chumbo três vezes.

Os três indivíduos rolaram no chão, urrando de dor. Nenhum deles chegou a acionar o revólver. Foram suplantados pela agilidade demoníaca do Pistoleiro dos Olhos Azuis.

Silvers foi o último a cair. Seus olhos estrábicos se fixaram em Garnett sem vê-lo. Do meio dos lábios leporinos, jorrava sangue.

O ruído dos disparos ainda ecoava no saloon quando entrou correndo, pela porta, um outro pistoleiro. Era Robert. A correria terminou barrada por um balaço na testa.

Em seguida, pairou um silêncio profundo.

Os bandidos restantes já haviam percebido o que os esperava; e sobravam poucos...

Se fossem prudentes, teriam montado seus cavalos e deixado aquele povoado com a maior rapidez

possível.

Porém, estavam cheios de ódio e desejo de vingança. A humilhação de que apenas um homem acabasse com um dos bandos mais bem organizados do Oeste era algo muito difícil de ser suportado.

Era inacreditável, mas era isso que estava acontecendo!

* * *

O Pistoleiro dos Olhos Azuis recarregou com quatro balas o tambor do Colt.

Estela contemplava a cena com olhos assombrados.

— Meu Deus...

— Fique tranqüila, pequena. Lamento que tenha visto todo o sangrento espetáculo. ~ melhor você esperar lá em cima. Em pouco tempo, tudo estará terminado.

— Clint... tenha cuidado...

Garnett concordou, sorrindo. O braço direito estendido terminava no cano aquecido do Colt.

— Bom revólver. E seu?

— Foi um viajante sem dinheiro que o deixou em troca de algumas refeições.

O Pistoleiro dos Olhos Azuis continuou sorrindo.

Encaminhou-se até um dos janelões.

Foi então que ouviu a voz.

— Ei, Garnett! Filho de uma cadela! O que pensa

que está fazendo?

Reconhecendo a voz de Ernest Silvers,
resolveu responder à indagação.

— Estão mortos, Ernest! Todos...

— Desgraçado! Eu e meu irmão Tom
estamos te esperando! Saia para nos
enfrentar!

Garnett, apoiado na janela, enrolou um cigarro.
Nos lábios, o característico sorriso frio, inexpressivo.

Ernest e Tom.

Havia algo errado. Fez as contas.

Eram treze os foragidos que chegaram a Saint
Paul. Segundo seus cálculos, mais o que foi morto
pelo rapaz da forca, sobravam três homens.

Ernest, Tom e...

— Garnett, seu covarde. Está morrendo de medo?
Estamos esperando!

Clint Garnett tragou o cigarro, soltando a fumaça
no próprio rosto. Encaminhou-se lentamente para as
portinholas do saloon.

— Adeus, Estela.

Era uma despedida. Clint Garnett tinha certeza.
Nunca mais veria os belos olhos negros de Estela. O
Pistoleiro dos Olhos Azuis saía ao encontro da morte.

Tinha consciência da sua condenação, lavrada e
sacramentada pelo destino.

Não lhe importava; mais ainda, poderia se dizer
que aquela situação era a oportunidade que esperava

há muito tempo.

No fundo, a coisa era até engraçada. Toda a fama de pistoleiro invencível ficaria enterrada num pequeno povoado perdido do Texas.

Saint Paul era, até então, um lugar quase desconhecido. E, a partir daquele momento, o lugar ficaria famoso como o povoado onde o Pistoleiro dos Olhos Azuis encontrou a morte.

TREZE

Clint Garnett parou embaixo da marquise do saloon. Os dois últimos Silvers apareceram numa das extremidades da rua, avançando até ficarem de frente para o pistoleiro. Uns 20 metros de distância os separavam.

Garnett, desconfiado, olhou ao seu redor, enquanto tragava o cigarro pela derradeira vez. Não conseguia encontrar o terceiro homem.

Tom Silvers era um indivíduo de rosto patibular e olhos fundos. A pele morena lhe conferia uma aparência doentia.

— Foi longe demais, Garnett. Temos uma bela sepultura para você.

Nesse momento ouviu-se um disparo. Da casa em frente, um indivíduo berrava, numa das sacadas. Soltou o rifle que tinha nas mãos, caindo pesadamente. A violência do impacto do corpo no solo levantou uma pequena nuvem de poeira.

Logo apareceu o autor do disparo. Era o rapaz que quase tinha sido enforcado. Carregava na mão direita um ri-fie fumegante. Sorriu para Garnett.

— Precisando de ajuda, senhor?

O Pistoleiro dos Olhos Azuis também sorriu.

— Obrigado, amigo, mas os irmãos Silvers são meus. Ernest e Tom começaram a ficar nervosos.

Aquele rapaz havia estragado o plano para

liquidar Clint a traição. Mas ainda eram dois contra um. A esperança de vitória brilhou nos olhos de Ernest Silvers ao tocar o revólver com a mão.

Porém, mais uma vez, num movimento quase imperceptível, o Colt de Garnett surgiu vomitando fogo.

Os dois homens iniciaram uma dança macabra, cadenciada pelo chumbo ardente. Ernest girou como um pião, até cair afundando o rosto na rua empoeirada. O irmão caiu de joelhos e, após uma fração de segundo, desabava definitivamente.

As portas das casas foram se abrindo aos poucos, timidamente.

Um sorriso triste surgiu nos lábios de Garnett ao ver os habitantes de Saint Paul se aproximarem.

Os ratos abandonavam seus esconderijos.

Envergonhados, ninguém tinha coragem de encarar Clint.

Até o prefeito Thorson, sempre tão cheio de si, gaguejou ao falar.

— Obrigado, Garnett. Nunca poderemos lhe pagar pelo que fez pela nossa gente.

— Por vocês? Engana-se, Thorson. Eu o fiz por mim, para defender o lugar onde queria viver. Todo homem defende a sua casa até a morte. Acho que o fiz pelo fato de nunca possuir esse lar, um povoado,

alguns amigos...

— Não merecemos sua amizade, Garnett. Porém, Saint Paul ficaria muito honrado se você permanecesse aqui.

— Não precisarão mais de mim. A cidade foi pacificada, ou ainda não percebeu, senhor prefeito? Não precisam de um pistoleiro.

— Não queremos o pistoleiro, mas sim o homem. Uma expressão amarga surgiu no rosto de Clint Garnett.

— Adeus, cavalheiros.

O Pistoleiro dos Olhos Azuis deu meia-volta. Arrastava os pés, caminhando cansado, em direção ao hotel. Subiu a escada lentamente. Alguns segundos depois, empurrava a porta do seu quarto.

Quando chegou a Saint Paul nunca poderia ter imaginado que as coisas aconteceriam tão rapidamente. Achava que ali encontraria a paz tão almejada. Tinha sido um tolo pensando dessa maneira.

De repente, seus pensamentos foram interrompidos por uma voz suave.

— Belo trabalho, Clint.

Garnett não ficou surpreso com a presença de Marta, e se ficou, não procurou demonstrar.

— Acha mesmo?

— O Pistoleiro dos Olhos Azuis voltou a mostrar seu valor. O que vai fazer, agora? No que está

pensando?

— Eu vou embora daqui, Marta.

— Por que não fica? Os moradores de Saint Paul precisam de você. Eles o admiram e o respeitam. Pense nisso.

— Eu sei, concordo com o que disse, mas não posso ficar. Sou um homem marcado, Marta. Lançaram sobre mim a maldição de nunca mais encontrar a paz. Vai correr a história desse massacre em Saint Paul: o Pistoleiro dos Olhos Azuis exterminou o bando dos Silvers. Virão mais pistoleiros ávidos de fama e glória para me desafiar. Estou cansado, mas prefiro seguir meu caminho. Não quero mais um lugar para viver, mas um lugar onde possa cair morto.

— E por que não em Saint Paul?

— Como assim?

Repentinamente, Marta empunhou o diminuto Derringer, apontando para a cabeça de Garnett.

— Vai morrer, Clint. Vou lhe dar o descanso que você tanto quer.

Clint Garnett permaneceu impassível. Não entendia nada, mas também não lhe importava o que viesse a acontecer. Apenas olhou firme para a garota, murmurando somente duas palavras:

— Por quê?

— Não entende? Por acaso acredita na maldição dos mortos? Oh, não! Deborah e os demais estão no

reino das trevas e não se preocupam mais com os vivos. Não, Clint. Olhe bem para mim.

Garnett ficou pasmo, deixando cair o cigarro. Passou a mão na testa, enxugando o suor frio.

— Tudo na vida tem uma explicação, meu caro. — Sorriu friamente a jovem. — Não sou Marta Hamilton porque essa mulher nem existe. Meu verdadeiro nome é Janete Dullea! Entende agora?

— Janete...

— Sim, Clint. Vai se lembrar, tempos atrás em Victory City... Uma garota que chorava na diligência escondendo o rosto com as mãos. Você não me conhecia. E, no entanto, me expulsou da cidade junto com outras três mulheres. Por que, Clint? O que foi que eu fiz de errado? Por quê?

Garnett ainda não havia compreendido toda aquela situação. Sua mente era um abismo de idéias confusas.

— Foi a sra. Griffin quem me levou a fazer aquilo. Para o seu próprio bem. O filho dela, Mike, estava apaixonado por você, e ela, não concordando com o romance, disse que faria de tudo para impedir. Então achei que o melhor a fazer era colocar você naquela diligência.

Janete ouvia a explicação em absoluto silêncio.

— Consegui arrancar 2 mil dólares da velha, que lhe enviei por meio do meu ajudante Lewis. Acredite em mim. Não tinha nada contra você e tirando-a de lá,

estaria mais protegida da maldade daquela mulher. A sra. Griffin estava disposta a contratar um pistoleiro para acabar com você. Para ver Mike livre da sua presença. Volto a insistir, fiz aquilo pensando que era o melhor para você.

Janete Dullea tinha agora uma expressão de revolta no rosto.

— O melhor para mim? Você não sabe de nada, Clint Garnett. Ignora que aquela diligência capotou quando uma das suas rodas quebrou. Os passageiros sofreram apenas alguns arranhões. Mas eu saí perdendo. Perdi o que mais desejava no mundo: meu filho. Esperava um filho, Clint. Porém, esse maldito acidente o levou.

O sangue subiu ao rosto de Garnett. Balbuciava, mas era incapaz de pronunciar uma só palavra.

Janete continuou:

— Mike realmente me amava. Não era um capricho passageiro. Íamos casar, apesar da oposição da mãe. Tudo teria terminado bem, se você não interviesse.

— Engana-se, Janete, a sra. Griffin teria usado qualquer meio, todos os meios para impedir a união. Achei que o mais aconselhável era você partir. Não podia adivinhar que esperava...

— Agora, tudo isso pertence ao passado, Clint. Não podemos recuar, não se pode voltar atrás para corrigir o erro... Tarde demais. Você vai morrer.

— Não me importo, Janete. Sabe disso muito bem. O Derringer tremia na mão da moça.

— Sim, Clint, eu sei. Quando matou Deborah, você preferia ter morrido, também. Ouvi as palavras dela, a maldição... Quando aconteceu a minha desgraça, jurei que o mataria. Mas antes faria você sofrer. Atormentaria você dia após dia. Um dia eu o vi por acaso em Lorainville, onde estava me recuperando do acidente. Falei com seu amigo Barry Stanford, um rapaz ambicioso e ávido de glória. Revelei a ele que você era o Pistoleiro dos Olhos Azuis. Sabia que o desafiaria e que você voltaria a matar. Eu me

encarregaria de não lhe dar trégua, de fazer cumprir a maldição de Deborah. Lembra-se? Nenhum segundo de paz...

Então minha passagem pelo Novo México...

— Em Lorainville contratei os serviços de um guia muito esperto que seguia você pelo território inteiro. E eu atrás, de tocaia. Quando você se estabelecia em algum lugar, eu aparecia contando as façanhas do Pistoleiro dos Olhos Azuis, o grande assassino de mulheres.

Garnett olhava incrédulo a confissão da garota.

— Sabia que estava atormentado, angustiado porque acreditava na maldição de Deborah. Então, em Saint Paul aconteceu a mesma coisa. Conteí tudo ao

prefeito, com a condição de que ele não revelasse a fonte de informação. Também entreguei você aos Silvers. Eles o obrigariam a lutar.

— Não foi bem assim, Janete. Não foi por causa deles, mas por que você corria perigo.

Janete soltou uma gargalhada seca.

— Eu, em perigo? Conversava tranqüilamente com Richard Silvers, quando vi você entrar no hotel. Sabia que aquele era o momento exato. Você estava no seu limite. Então, eu mesma rasguei a blusa e comecei a gritar, diante do Richard estupefato. O homem ficou apavorado. Bem, o resto você já sabe. O Pistoleiro dos Olhos Azuis acabou com a raça dos Silvers. Matou novamente.

Garnett sorria tristonho.

— Foi isso mesmo, Janete. Voltei a empunhar uma arma. Mas, o que não estava nos seus planos, é que fiz um bem para os moradores do povoado. Eu vejo agora que não posso culpá-los de viverem num lugar tranqüilo como este que os tornou bondosos e pacíficos. Eu os julguei muito duramente.

Não eram pessoas adequadas para enfrentar os Silvers. Bem, Janete, acho que já falamos demais.

— Sim, Clint. E verdade.

— Então, pode disparar. Acabe com tudo de uma vez.

— Deveria deixá-lo continuar vagando por aí, Clint. Segui seus passos, sem lhe dar um minuto de

folga. Mas eu também estou cansada. Aqui tudo termina: sua história e seus pesadelos.

— Não dispare ainda, Janete. Quero antes pedir perdão. Não tinha intenção de prejudicar você. Lamento muito tudo o que lhe aconteceu. acredite em mim. Um homem não mente na hora da morte.

Os olhos da moça turvaram-se. Não pôde evitar que as lágrimas escorressem por suas faces.

O dedo ia comprimindo o gatilho.

A mão tremia visivelmente. Logo, aqueles dedos tensos perderam a rigidez, deixando o Derringer cair no chão.

A jovem deu meia-volta, dirigindo-se até a porta. Antes de sair, se voltou para Clint.

Olharam-se nos olhos.

— Adeus, Clint. Meu ódio não era tão forte quanto parecia. Me perdoe, também. Fique por aqui, Clint. Talvez a felicidade que você tanto procura esteja nesta cidade. Adeus...

EPÍLOGO

A morte dos irmãos Silvers e o extermínio da terrível quadrilha logo se espalhou por todo Texas. O vingador, o Pistoleiro dos Olhos Azuis, também descansava no mesmo cemitério, em Saint Paul. Em paz! Durante muitas semanas, aquela sepultura de mármore branco foi muito visitada.

Com o passar do tempo, porém, tudo foi esquecido. Os irmãos Silvers e o Pistoleiro dos Olhos Azuis já pertenciam ao passado.

Como lendas.

Clint Garnett, ajudado pelo velho Benedek, acabava de carregar as mercadorias encomendadas pelo rancho Lancaster.

O velho enxugou o suor da testa com as costas da mão, pigarreando várias vezes.

— Cá entre nós, se tivéssemos cobrado 10 centavos de cada pessoa que visitou a sepultura do Pistoleiro dos Olhos Azuis, teríamos ficado ricos!

— Com certeza.

— Foi uma ótima idéia, não?

— Graças a Estela. Todos pensam que o Pistoleiro dos Olhos Azuis morreu em consequência dos ferimentos recebidos no confronto com os Silvers.

— E por acaso não foi o que aconteceu? Garnett sorria.

— Claro que sim, vovô. Ele agora descansa numa

sepultura vazia. Mas apenas nós sabemos disso, O povo de Saint Paul não é tão ruim quanto parecia. Pelo menos, sabe guardar um segredo.

— Disso pode ter certeza, meu rapaz. Devemos tudo a você, e esta é uma forma de retribuição, O Pistoleiro dos

Olhos Azuis está morto e enterrado. Não se fala mais nele! Você também deve esquecê-lo.

— Clint!

Uma voz vinda do interior do armazém o chamava. Era Estela, com seus belos olhos negros, cristalinos, que o esperava ansiosa. Aquele olhar, agora, havia perdido toda a tristeza.

— Escute, Clint. Não acho aquela peça de tecido encomendada pela sra. Stewart.

Garnett não respondeu. Apenas abraçou a garota pela cintura, beijando-a suavemente.

— Clint... Por favor...

— Vamos nos casar em dois dias, lembra-se?

— É que o vovô pode chegar e...

Garnett cortou as palavras da jovem com um apaixonado beijo. Ficaram abraçados longo tempo, esquecendo o pudor.

Esquecendo o passado.

Para eles só existia o presente.

O presente e um futuro promissor.

F I M

